

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

TÂNIA BRITTES OTTONI VALIAS

**ESTRUTURA ARGUMENTAL DE SENTENÇAS
CAUSATIVAS EM XIRHONGA**

BELO HORIZONTE

2020

TÂNIA BRITTES OTTONI VALIAS

**ESTRUTURA ARGUMENTAL DE SENTENÇAS
CAUSATIVAS EM XIRHONGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Lourenço de Souza

Co-Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2020

V172e Valias, Tânia Brittes Ottoni Valias.
Estrutura argumental de sentenças causativas em Xirhonga [manuscrito] /
Tânia Brittes Ottoni Valias. – 2020.
146 f., enc. : il., maps., tabs., color.

Orientador: Guilherme Lourenço.

Coorientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 133-139.

Apêndices: f. 140-146.

1. Linguística – Teses. 2. Língua Bantu – Sintaxe – Teses. 3. Língua Bantu –
Morfologia – Teses. 4. Línguas africanas – Teses. 5. Moçambique – Línguas I.
Lourenço, Guilherme. II. Duarte, Fábio Bonfim. III. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO


Estrutura argumental de sentenças causativas em Xirhonga

TÂNIA DINIZ OTTONI VALIAS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

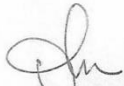
Aprovada em 07 de janeiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Guilherme Lourenço de Souza - Orientador
UFMG


Prof(a). David Alberto Seth Laves
Universidade Eduardo Mondlane (UEM)


Prof(a). Oesler Fagundes Camargos
UNIR

Belo Horizonte, 7 de janeiro de 2020.


Prof(a). Ana Lúcia Adorno Marciano Oliveira
Subcoord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

ka xitrungu xa Mosambiki

Agradecimentos

Agradeço inicialmente a Deus, que me possibilitou a realização deste sonho: me tornar linguista.

Ao Fábio, querido amigo, professor e coorientador, que vem me acompanhando e me ensinando toda a arte da linguística desde 2013, quando me adotou como sua orientanda ainda na Iniciação Científica.

Ao Guilherme, que encarou essa orientação expressa com tanto afinco, e que com encaminhamentos preciosos possibilitou que este trabalho se concluísse.

Aos meus informantes, Egídio e Frederico, que com muita simpatia e paciência me ensinaram sobre a língua Rhonga, clareando cada dúvida, cada dificuldade, e vibrando junto a cada descoberta.

Àqueles que estiveram presentes na minha caminhada acadêmica, principalmente no Laliafro, enfrentando comigo dias a fio, estudando, discutindo ideias, desesperando, descabelando, mas sempre persistindo: Alex, Ana Claudia, Bráulio, Clauane, Crisófia, Domingas, João, Júlia, Lorena, Nasle, Ronaldo, Veronique, Victor.

A Natália, Quesler e Lidiane, que foram como família durante a estadia em Moçambique, experiência que permitiu-nos criar a sensibilidade e o carinho pelo país e suas línguas.

Aos meus professores e eternos amigos, que me hospedaram em seu país, no seio de sua cultura, e até mesmo em suas próprias casas: Armingo Ngunga, David Langa e Ernesto Dimande.

Aos professores que me fortaleceram teoricamente, e talvez nem saibam o quanto foram importantes nessa caminhada: Thaís Cristófaró, Giulia Bossaglia, Luana Amaral e Mário Alberto Perini.

Aos meus pais, Regina e Antônio Carlos, que aceitaram com carinho minhas escolhas, mesmo que não fossem as deles próprias.

Aos meus irmãos, Natália e Thales, que entenderam muitas vezes minha ausência e meu estresse.

Ao Felipe, que me incentivou a cada suspiro, me chacoalhou todas as vezes que pensei em desistir e me ouviu atentamente, com um sorriso no rosto, em todas as vezes que sentei para lhe explicar uma teoria que ele sequer fazia ideia que existia – e quase se tornou linguista junto comigo.

Aos meus amigos queridos, do CEFET, do Santa Maria, da UFMG e da vida, que me ajudaram a espairer quando achei que o mundo ia acabar e escutaram cada reclamação e comemoraram comigo a cada conquistas: Alberto, Barbara, Brenda, Camila, Carol, Dí, Isa, Lol, Mari, Marina, Quel e Rafa.

Aos meus colegas moçambicanos, que me ensinaram a Marrabenta e também aprenderam o Forró.

À UFMG, por ser como uma segunda casa.

À UEM, pela acolhida.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Khanimambu!

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço.

Mia Couto, in "Raiz de Orvalho e Outros Poemas"

RESUMO

A partir do pressuposto de que todas as línguas possuem estruturas causativas que se realizam por diferentes expedientes gramaticais, esta dissertação tem por objetivo descrever esse tipo de construção em uma língua bantu chamada Rhonga, falada por cerca de 226.000 pessoas em Maputo, Moçambique. As estruturas causativas são interpretadas como aquelas que possuem dois eventos: um evento de causa e um de efeito. Por meio dos dados coletados com dois informantes nativos, atestamos que existem três tipos de estruturas causativas na língua, a saber: (i) lexicais; (ii) perifrásticas; e (iii) morfológicas. As causativas morfológicas se realizam mediante a concatenação do morfema {-is-} após a raiz lexical dos verbos. Esse processo é produtivo com verbos inacusativos, inergativos e transitivos. Assumimos aqui, de acordo com os fundamentos do minimalismo e da sintaxe gerativa, que o morfema em questão ocupa a posição de núcleo de uma projeção CauseP, que introduz a leitura de causação à sentença. Buscamos confirmar, ainda, que o complemento desse núcleo varia de acordo com cada um dos tipos de verbos assinalados acima. Com base nos testes propostos por Pylkkänen (2008), demonstramos que verbos inacusativos causativizados selecionam como complemento uma Raiz acategorial $\sqrt{\text{V}}$, verbos inergativos selecionam um VP sem argumento externo, e verbos transitivos selecionam como complemento um v*P fásico quando causativizados.

Palavras-chave: Bantu; Rhonga; Estrutura Argumental; Causativas.

ABSTRACT

Assuming that all languages have causative structures that are derived by different grammatical mechanisms, this dissertation aims to describe this type of construction in a Bantu language called Rhonga, spoken by about 226,000 people in Maputo, Mozambique. Causative structures are interpreted as having two events: a causing event and a caused event. From the data collected with two native informants, we identified three types of causative constructions in the language, namely: (i) lexical causatives; (ii) periphrastic causatives; and (iii) morphological causatives. Morphological causatives are formed by concatenating the morpheme {-is-} to the lexical root of the verb. This process is productive with unaccusative, unergative, and transitive verbs. We assume here, following a minimalist approach to Generative Syntax, that the morpheme in question sits at the head of the CauseP projection, which introduces causation reading into the sentence. We also seek to confirm if this head takes different types of complements, depending on the verb type. Based on the tests proposed by Pylkkänen (2008), we demonstrate that causatives from unaccusative verbs select as complement an acategorical Root $\sqrt{\quad}$; causatives from unergative verbs select a VP without external argument, and causatives from transitive verbs select as complement a phasic v^*P .

Keywords: Bantu; Rhonga; Argument Structure; Causatives.

Lista de Figuras e Quadros

Figura 1. Famílias Linguísticas da África	26
Figura 2. Genus Bantoid.....	27
Figura 3. Subgrupo das línguas bantu	28
Figura 4. Línguas Moçambicanas.....	32
Figura 5. População Rhonga em Moçambique	37
Figura 6. Estrutura dos nomes em Xirhonga	52
Figura 7 - Comando dos questionários.....	97
Figura 8. Perguntas do questionário	98
Figura 9. Perguntas do questionário	99
Figura 10. Complemento de CauseP em Xirhonga	132
Quadro 1. Seleções do núcleo de CauseP em Rhonga	17
Quadro 2. População segundo a língua materna (a partir de 5 anos).....	33
Quadro 3. Consoantes simples do Xirhonga.....	40
Quadro 4. Consoantes modificadas do Xirhonga	42
Quadro 5. Classes nominais semânticas do Rhonga	54
Quadro 6. Prefixos de Concordância	56
Quadro 7. Paradigma verbal do verbo kuxava (comprar) no modo indicativo	60
Quadro 8. Extensões Verbais reconstruídas do proto-bantu e do Xirhonga	61
Quadro 9. A relação entre o tipo de causative e a força de causação.	71
Quadro 10. Complementos no núcleo de CauseP.....	84
Quadro 11. Testes para verificar o tipo de complemento de Cause ⁰	90

Listra de Siglas e Abreviaturas

AFIRM	Afirmativo
APPL	Aplicativo
ASP	Aspecto
AULP	Associação das Universidades de Língua Portuguesa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAUS	Causativo
CL	Classe
DEM	Demonstrativo
DET	Determinante
EST	Estativo
EXTS	Extensões
GEN	Genitivo
IAI	Instituto Africano Internacional
INE	Instituto Nacional de Estatística de Moçambique
INF	Infinitivo
INTENS	Intensivo
LALIAFRO	Laboratório de Línguas Africanas
LOC	Locativo
MA	Marca de aspecto
MN	Marca de negação
MO	Marca de objeto
MS	Marca de sujeito
MT	Marca de tempo
NEG	Negação
NUM	Numeral

PASS	Passiva
PAST	Passado
PERS	Persistiva
PL	Plural
POSS	Possessivo
PROG	Progressivo
PS RULES	Phrase structure rules
REC	Recíproco
REL	Relativo
REV	Reversivo
SG	Singular
SN	Sintagma Nominas
SPEC	Especificador
SV	Sintagma Verbal
TEMA D	Tema Derivacional
TEMA F	Tema Flexional
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VF	Vogal final

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Apresentação.....	15
1.2 Justificativa	17
1.3 Questões de Pesquisa	22
CAPÍTULO 2: LÍNGUA E POVO.....	24
2.1 Uma breve contextualização sobre o continente africano.....	24
2.2 A situação linguística em Moçambique.....	29
2.3 Resumo do capítulo	34
CAPÍTULO 3: LÍNGUA RHONGA: ASPECTOS LINGUÍSTICOS	36
3.1 Língua Rhonga ou Xirhonga	36
3.2 Elementos da Fonética.....	38
3.3 Elementos da Fonologia.....	43
3.3.1 Resolução de Hiatos.....	44
3.3.2 Modificação de Consoantes.....	47
3.3.3 Sílabas.....	49
3.3.4 Tom.....	51
3.4 Elementos da Morfologia Nominal.....	52
3.5 Elementos da Morfologia Verbal	57
3.6 Resumo do capítulo	64
CAPÍTULO 4: O QUE SÃO ESTRUTURAS CAUSATIVAS?	66

4.1 A abordagem funcionalista a respeito das causativas.....	69
4.2 Pressupostos da Sintaxe Gerativa	72
4.3 Estrutura argumental.....	74
4.4 A proposta do Núcleo Voice e o do Núcleo Causativo.....	79
4.5 Resumo do capítulo	91
CAPÍTULO 5: ESTRUTURAS CAUSATIVAS EM XIRHONGA	95
5.1 Metodologia.....	96
5.2 Os diferentes tipos de estruturas causativas em Xirhonga	100
5.3 Causativas morfológicas a partir de verbos inacusativos	105
5.4 Causativas morfológicas a partir de verbos inergativos	112
5.5 Causativas morfológicas a partir de verbos transitivos.....	120
5.6 Resumo do capítulo	129
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	134
APÊNDICES	141

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

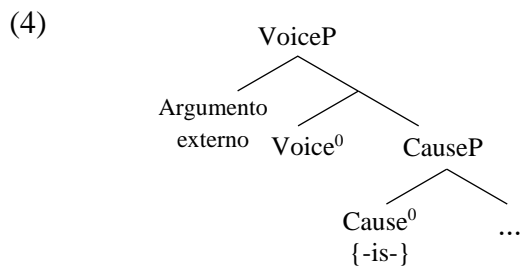
1.1 Apresentação

Nesta dissertação de mestrado, serão apresentados alguns aspectos sintáticos das estruturas causativas morfológicas da língua bantu moçambicana Rhonga¹, a partir de quadros teóricos formais. As sentenças a seguir exemplificam algumas construções de estruturas causativas na língua:

- (1) a. ma-ti ma-bil-a.
6-água 6-ferver-VF.
'a água ferve'.
- b. ni-bil-is-a ma-ti.
1SG-ferver-CAUS-VF 6-água.
'eu ferve a água'.
- (2) a. Timeika a-kin-i.
Timeika 3SG-dançar-PAST.
'Timeira dançou'.
- b. Frederico a-kin-is-i Timeika.
Frederico 3SG-dançar-CAUS-PAST Timeika.
'Frederico fez dançar Timeika'.
- (3) a. n'wana a-d-a Ø-pawa.
filho 3SG-comer-VF 5-pão.
'o filho come pão'.
- b. mamana a-d-is-a n'wana Ø-pawa.
Mãe 3SG-comer-CAUS-VF filho 5-pão.
'a mãe faz o filho comer pão'.

¹ Língua Rhonga ou Xirhonga são termos sinônimos que serão utilizados durante este trabalho.

Como é possível notar nos dados acima, o morfema {-is-} pode ser concatenado a raízes verbais inacusativas (1), inergativas (2) e transitivas (3). Nossa proposta é a de que o morfema ocupa a posição de núcleo da projeção CauseP, que introduz a leitura de causação à sentença (PYLKKÄNEN, 2008). Adotaremos também a ideia de que a introdução do argumento externo “causador” nessas construções (agente, causa ou instrumento) é realizada pela projeção VoiceP² (KRATZER, 1996; LEGATE, 2014), conforme ilustrado a seguir:



O que pretendemos mostrar, também, é que, a partir dos testes propostos por Pyllkänen (2008), pudemos atestar que, quando há a concatenação do morfema {-is-}, o complemento do núcleo Cause pode variar de acordo com a natureza do verbo, conforme o Quadro 1:

² Estamos cientes que muitas propostas consideram que CauseP na verdade não é uma projeção e que os morfemas causativos podem ser atachados em vP ou no chamado vP_{CAUSE}. No entanto, para fins didáticos, consideraremos a projeção CauseP. Caso o leitor se interesse por uma proposta teórica de cisão das projeções VoiceP e vP, ver Legate (2014).

Quadro 1. Seleções do núcleo de CauseP em Rhonga

verbo + {-is-}			
	Inacusativo	Inergativo	transitivo
Seleção	√P	VP	v*P (fásico)

Fonte: elaboração própria

1.2 Justificativa

O estudo aqui apresentado, com foco na língua moçambicana Rhonga, surgiu a partir de trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Línguas Africanas na Universidade Federal de Minas Gerais (LALIAFRO-UFMG), que funciona desde 2013. Em 2014, por meio de participação no programa CAPES-AULP³, foi possível o início do projeto intitulado Descrição e Documentação de Línguas Moçambicanas. Levando em consideração que Moçambique possui uma grande variedade de línguas,⁴ há a necessidade do desenvolvimento de pesquisas linguísticas, já que grande parte delas ainda não possui descrições gramaticais bem detalhadas. Assim,

³ Edital 033/2012.

⁴ Há ainda uma ampla discussão a respeito de quantas línguas há no país, mas o Ethnologue (2019) lista 43 idiomas, a saber: Barwe, Chopi, Chuwabu, Dema, Kokola, Koti, Kunda, Lolo, Lomwe, Maindo, Makuwa, Makuwa-Marrevone, Makuwa-Meetto, Makuwa-Moniga, Makuwa-Saka, Makuwa-Shirima, Makonde, Makwe, Manyawa, Manyika, Marenje, Mozambican Sign Language, Mwani, Natheumbo, Ndau, Ngoni, Nsenga, Nyanja, Nyungwe, Phimbi, Portuguese, Ronga, Sena, Swahili, Swati, Takwane, Tawara, Tewe, Tonga, Tsonga, Tswa, Yao, Zulu.

essa proposta de cooperação científica se justifica porque pode contribuir para (i) um maior conhecimento da estrutura gramatical das línguas bantu faladas em Moçambique; (ii) a elaboração de material pedagógico a ser usado no ensino bilíngue nas escolas; (iii) trazer novos dados que possam confirmar ou refutar hipóteses teóricas que vêm sendo formuladas no âmbito das teorias linguísticas e, o mais importante, (iv) contribuir com a formação de recursos humanos, já que alunos de graduação, mestrado e doutorado estarão envolvidos durante a execução deste projeto (LALIAFRO, 2015).

Desde 2014, então, em convênio com a Universidade Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique), há o intercâmbio de grupos de pesquisadores brasileiros e moçambicanos, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Desta união, vários trabalhos são publicados e recebem ampla divulgação, contribuindo com o meio acadêmico de forma geral. Logo, a pesquisa aqui apresentada nasceu da junção da vontade de ir além dos estudos de línguas ocidentais com a possibilidade de contribuir para o crescimento dos projetos desenvolvidos no âmbito do LALIAFRO.

As línguas bantu, faladas na maior parte do continente africano, inclusive em Moçambique, possuem propriedades gramaticais que muito contribuem para as teorias em linguística formal. Uma de suas propriedades interessantes é a rica e extremamente produtiva morfologia. Por esse motivo, a morfofonologia se tornou um dos focos das pesquisas em torno das línguas bantu faladas em Moçambique (NHAMPOCA, 2015; LANGA, 2002; 2003; 2009; NHANTUMBO, 2005; 2014). As pesquisas sintáticas das estruturas gramaticais destas línguas nesse país têm se desenvolvido também, mas em menor escala

(DUARTE, 2014; DUARTE; DA CÂMARA; VALIAS, 2017; CAMARGOS; CASTRO; DIMANDE, 2019).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique de 2017, o português, única língua oficial de Moçambique, ainda não é a mais falada no país, ocupando o segundo lugar. Já as chamadas línguas nacionais⁵ são amplamente faladas pela população: são mais de 11 milhões de moçambicanos que utilizam uma ou mais dessas línguas e que não falam português (INE, 2017). Sem uma perspectiva de valorização das línguas nacionais, esses cidadãos ficam prejudicados no que diz respeito ao acesso à educação, à saúde pública ou a um julgamento justo, para casos jurídicos, por exemplo, uma vez que poucos desses espaços estão acessíveis em suas línguas. De acordo com Ngunga (2017, p. 24),

alguns círculos dizem que a nossa preocupação pelo desenvolvimento das línguas moçambicanas, cujo subdesenvolvimento também tem relação com o nível de desenvolvimento da nossa sociedade, é uma guerra sem quartel porque “estas línguas não têm futuro” (Couto 2001, com. pes.). Dizem-nos que o futuro pertence às “grandes línguas”. Pelo que se alguém quiser chegar ao futuro só pode fazê-lo na *boleia* [carona] dessas línguas. Há muitas perguntas pertinentes que se poderiam colocar à volta dessas ideias. Por exemplo: Como é que essas grandes línguas cresceram sem terem sido pequenas? Por que é que as ditas grandes línguas receiam que as pequenas cresçam? Não será direito de qualquer ser pequeno aspirar ser grande? E por que tentam cercar ou silenciar as nossas línguas? Em poucas palavras, quem tem medo das nossas línguas?

⁵ Serão consideradas línguas nacionais aquelas línguas naturais dos povos moçambicanos, em oposição à língua do colonizador (Português).

A valorização das línguas moçambicanas é um movimento que ganha forças gradativamente. Os cursos para formação de professores bilíngues em universidades como a Eduardo Mondlane (Moçambique) estão em andamento, visando políticas capazes de auxiliar na educação da população que não possui acesso ao português. Assim, conforme apontado por Ngunga (2017), é importante para o desenvolvimento do país que se impulsionem os espaços bilíngues que possibilitem o acesso adequado à informação de maneira ampla no país. Um dos meios para incentivar esse caminho é, portanto, o desenvolvimento de pesquisas sobre essas línguas, capazes de contribuir para sua valorização e estudo. Ngunga (2017, p. 26) considera que “para que todos os moçambicanos gozem dos seus direitos de participar na construção da democracia no país em toda a sua integridade, é preciso que sejam criadas condições de valorização das ideias daqueles que não falam a língua oficial”.

Da perspectiva linguística, são muitas as pesquisas que investigam as estruturas causativas, principalmente na esfera das línguas bantu, que são extremamente produtivas nesse âmbito. É possível citar, por exemplo, Good (2005), Bostoen e Mundeke (2011), Chebanne (1996), da Câmara (2014), entre outros. Os dados apresentados nesses trabalhos apontam que há motivações diferentes para o aparecimento dos diversos tipos de causativas encontradas nessas línguas.

Esse tipo de análise, quando testada dentro da teoria gerativa, contribui para a investigação e o aprofundamento das propostas já apresentadas. Este trabalho, pautando a ideia de adequação explanatória e adequação descritiva proposta por Chomsky (1965), procura evidenciar como a teoria gerativa ajuda a entender os dados da língua Rhonga, e como esses dados, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de propostas teóricas no âmbito da teoria gerativa.

Esses conceitos são elaborados por Chomsky (1965) a partir da seguinte questão: se cada língua possui uma gramática, e cada falante é capaz de formar infinitas expressões em seu idioma, como pode haver uma gramática universal?

Para o autor,

pode ser muito bem que as características gerais da estrutura da linguagem reflitam não tanto o curso da experiência de alguém, mas o caráter geral da capacidade de adquirir conhecimento - no sentido tradicional, nas ideias inatas e nos princípios inatos. Parece-me que o problema de esclarecer essa questão e aprimorar nossa compreensão de suas muitas facetas fornece a razão mais interessante e importante para o estudo de gramáticas descritivamente adequadas e, além disso, a formulação e justificação de uma teoria linguística geral que atenda às condições da adequação explanatória (CHOMSKY, 1965, p. 59, tradução nossa).

Por estudo de gramáticas descritivamente adequadas, entende-se que a gramática deve descrever corretamente a língua do falante nativo. Já no que diz respeito à adequação explanatória, os dados linguísticos devem ser explicados adequadamente dentro da teoria linguística.

1.3 Questões de Pesquisa

Partindo da assunção de Whaley (1997, p. 192), conforme a qual todas as línguas possuem maneiras de expressar enunciados causativos, porém, com expedientes gramaticais diversos, esta pesquisa busca responder às seguintes questões:

- i) qual a estrutura sintática das construções causativas na língua Rhonga?
- ii) qual a função do morfema causativo {-is-}?
- iii) é possível motivarmos a presença da projeção CauseP nessa língua?
- iv) em caso afirmativo, qual(is) o(s) tipo(s) de complemento que CauseP pode selecionar?

Para buscar responder a esses questionamentos, este trabalho está organizado em seis capítulos. Neste Capítulo 1, procuramos mostrar como esta pesquisa nasceu, as justificativas sociais e linguísticas para sua realização, e quais foram as questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho. No Capítulo 2, fizemos uma breve apresentação sobre o continente africano, perpassamos sobre a história dos povos bantu e apresentamos dados que ilustram o atual contexto linguístico de Moçambique. No Capítulo 3, apresentamos a língua Rhonga, nosso objeto de estudo, e descrevemos brevemente alguns de seus aspectos gramaticais,

tais como: aspectos da fonética, fonologia, morfologia nominal, morfologia verbal e sintaxe. No Capítulo 4, retomamos a discussão sobre o que são as estruturas causativas de acordo com a literatura. Apresentamos a abordagem funcionalista em oposição aos pressupostos da Sintaxe Gerativa. Após discutir a estrutura argumental, assumimos a proposta de VoiceP e CauseP. No Capítulo 5, com base no quadro teórico discutido até então, descrevemos as estruturas causativas em Xirhonga. Atestamos os tipos de causativas existentes na língua, e analisamos particularmente as causativas morfológicas com verbos inacusativos, inergativos e transitivos. Por último, no Capítulo 6, apresentamos as nossas considerações finais.

CAPÍTULO 2: LÍNGUA E POVO

Para que seja possível entender especificamente o contexto da língua Rhonga, achamos interessante apresentar contextos mais amplos, para esclarecer ao leitor questões relevantes sobre o contexto. Neste capítulo, então, serão apresentados pontos importantes desde a história da África, com o intuito de esclarecer seu contexto linguístico até os dias atuais. Em seguida, serão apresentados alguns dados sobre as famílias linguísticas da África, mais especificamente dos povos bantu. O contexto específico de Moçambique também será apresentado.

2.1 Uma breve contextualização sobre o continente africano

Segundo Mazrui e Wondji (2010, p. 636), desde o fim dos anos 20, "os especialistas, assinalando os perigos da assimilação, pleiteiam sérias pesquisas sobre a África e os seus habitantes e reclamam o estudo aprofundado das línguas e culturas africanas". Com o advento da criação do Instituto Africano Internacional (IAI), em 1926, iniciou-se o processo de "escrever as línguas africanas em caracteres latinos e a elaborar um alfabeto de referência, [...] que deveria servir de base à escrita de cerca de sessenta línguas africanas.". (MAZRUI; WONDJI, 2010, p. 639). O IAI contou, ainda, com a ajuda de

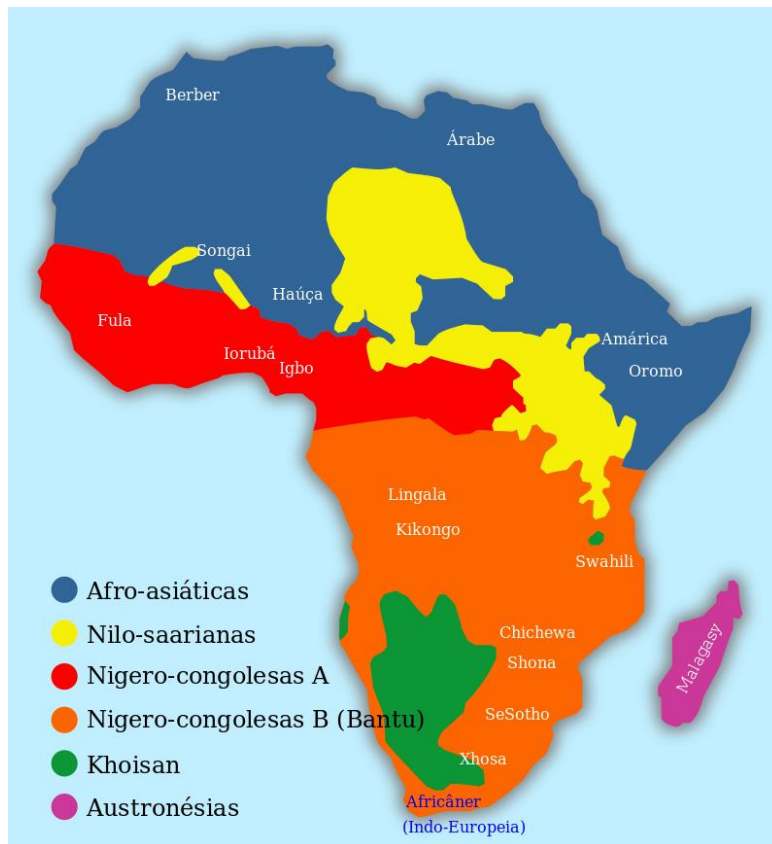
missionários que, interessados em promover suas crenças, passaram a elaborar obras de referências, tais como dicionários, gramáticas e trabalhos pedagógicos a nível científico. (MAZRUI; WONDJI, 2010, p. 639).

Ainda assim, o prestígio das línguas europeias do colonizador se sobressaiu, e as línguas africanas ficaram por muito tempo limitadas ao campo, aos adultos e à tradição oral, rebaixadas a dialetos. (MAZRUI; WONDJI, 2010, p. 640).

Entre 1962 e 1964, numerosos departamentos de linguística e centros de pesquisas e de estudos africanos surgiram nas jovens universidades do continente; uma imprensa linguística de qualidade (jornais e revistas) nasceu e desenvolveu-se, rápida e notadamente, nas universidades de Serra Leoa, da Tanzânia, de Addis-Abeba, de Ibadan, etc. (MAZRUI; WONDJI, 2010, p. 641)

De acordo com as similaridades das línguas faladas em África, autores como Guthrie (1967) e Greenberg (1963) se dedicaram a classificar as línguas em grandes famílias linguísticas. Dingemanse (2004) ilustrou, com base nos resultados encontrados por Greenberg (1963), com algumas modificações, como essa divisão foi realizada. Ao total, foram mapeadas as cinco grandes famílias do continente, a saber: (1) Afro-asiáticas; (2) Nilo-saarianas; (3) Kongo-Cordofanianas (A e B); (4) Khoisan e (5) Austronésias, sendo a última de origens não africanas, mas sim, aborígene. O mapa pode ser visto na Figura 1:

Figura 1. Famílias Linguísticas da África



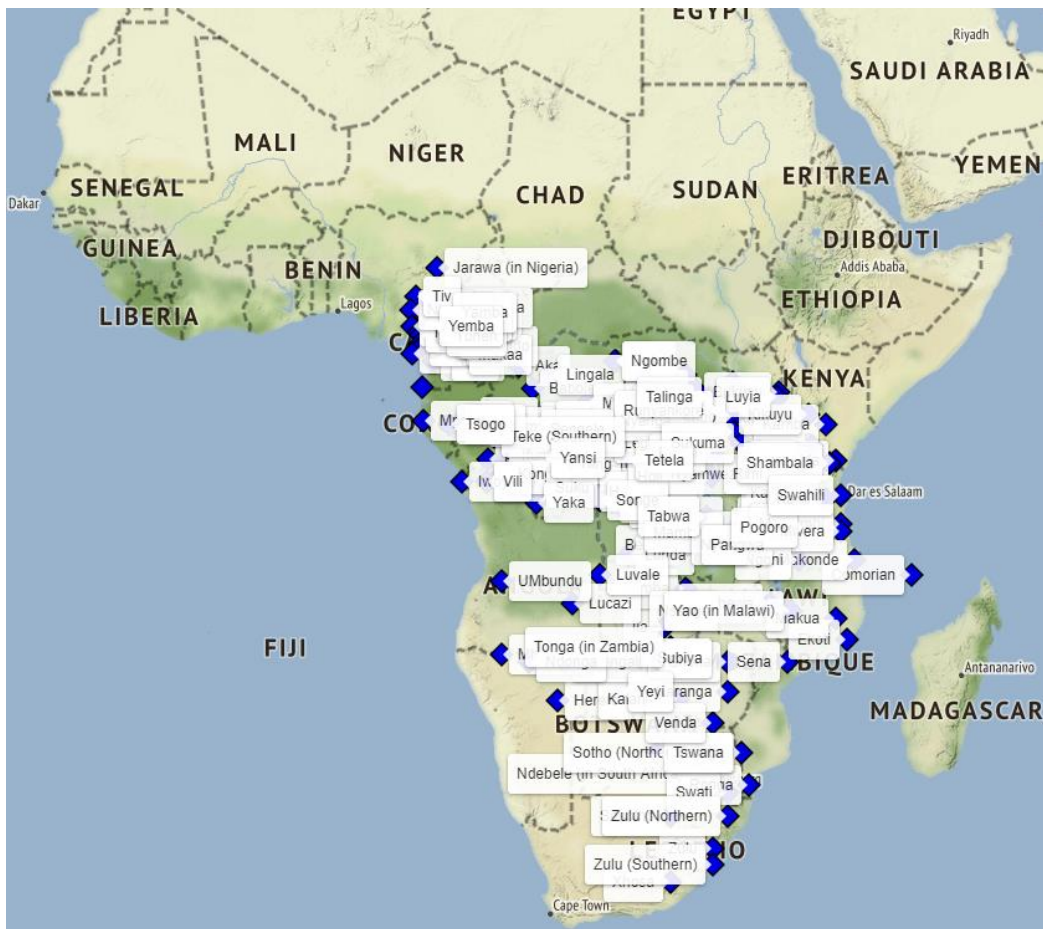
Fonte: Dingemanse (2004)⁶

A família linguística Nígero-congolesa B, ou bantu, é a que possui o maior número de línguas e falantes do continente. De acordo com Ngunga (2014), são cerca de 600 línguas faladas por mais de 220 milhões de pessoas. Essa família “se estende a sul de uma linha que vai desde os Montes Camarões

⁶ Permission is granted to copy, distribute and/or modify this document under the terms of the GNU Free Documentation License, Version 1.2 or any later version published by the Free Software Foundation.

(a sul da Nigéria), junto à costa atlântica, até a foz do Rio Tana (no Quênia)”
(NGUNGA, 2014, p. 35). Na Figura 2, a seguir, apresentamos a distribuição de
algumas línguas pelo território bantu:

Figura 2. Genus Bantoid

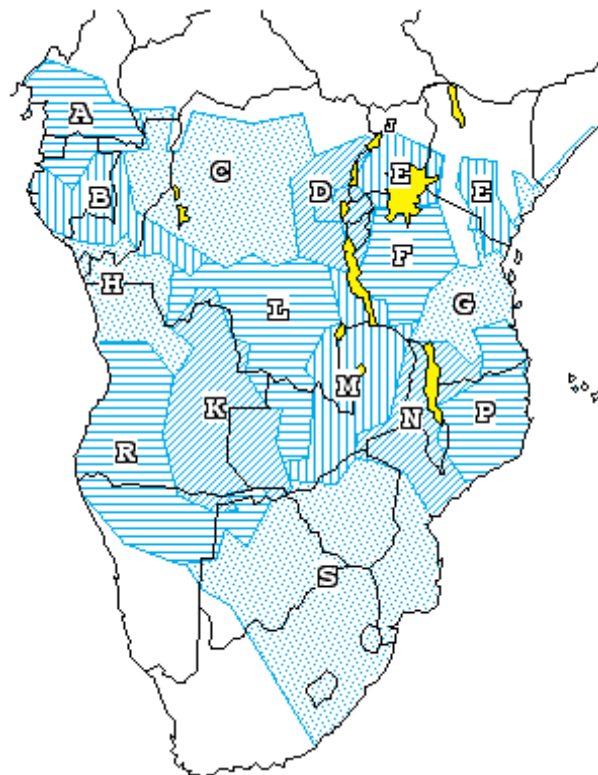


Fonte: Dryer e Haspelmath (2013)⁷

⁷ Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Guthrie (1967-1971) foi o responsável por subdividir essas línguas, dando origem a um padrão classificatório, de forma que os grupos de línguas são codificados “por um número decimal sufixado à letra do código da respectiva zona e as línguas que a compõem são codificadas por meio de unidades dentro desse número decimal sendo atribuído a cada uma dessas características um número e uma letra” (DUARTE; DA CÂMARA; VALIAS, 2017). A Figura 3 ilustra essa divisão:

Figura 3. Subgrupo das línguas bantu



Fonte: Maho (2003)

Conforme a figura acima, que adapta a proposta de Guthrie (1967), as línguas moçambicanas estão compreendidas nas letras S, N e P. A seguir, a contextualização da situação linguística atual em Moçambique será apresentada.

2.2 A situação linguística em Moçambique

De acordo com Ngunga e Bavo (2011), Moçambique é multilíngue e multicultural. Conquanto, em 1975, após a independência do país, o Português foi eleita como a língua oficial, ignorando-se todas as demais línguas faladas no território. Porém, cerca de um terço da população não fala português e, sim, línguas nacionais (INE, 2017). Durante o período colonial, em 1917, por meio da Portaria nº 157/2917, de 10 de janeiro, houve a proibição das línguas faladas em Moçambique, buscando-se, assim,

o esvaziamento de todos os elementos capazes de contribuir para a valorização destas línguas [o que ocasionou, historicamente, uma] política linguística de Moçambique eminentemente lusocentrista que exclui a participação das línguas africanas na vida pública dos moçambicanos” (NGUNGA; BAVO, 2011, p. 1).

Apenas a partir da década de 80, começou a ser difundida na sociedade uma perspectiva de dar voz a essas línguas silenciadas, principalmente por um trabalho desenvolvido pela UNESCO, que buscava incentivar a “realização de estudos sobre a situação linguística de Moçambique” (NGUNGA, BAVO, 2011,

p. 11). Hoje, porém, as línguas moçambicanas continuam ameaçadas e, algumas, estão em perigo de extinção, não por serem numericamente minoritárias, mas por não possuírem espaço social (NGUNGA; BAVO, 2011). De acordo com Prah (2008, p. 265): “a língua é o coração da cultura e, na verdade, é a língua que transporta a cultura. Com isto pretendo dizer que nenhum elemento de cultura é tão proeminente como a língua. É a linguagem que canaliza e orienta todo o conhecimento”.

A discussão a respeito da quantidade de línguas faladas no território Moçambicano ainda não está concluída. Diversos estudiosos e pesquisadores se dedicam a tal tarefa, e ainda não há um consenso. De acordo com Moisés, Cande e Jesus (2008, p. 290), aproximadamente 40 línguas bantu são faladas em Moçambique, "embora ainda falte uma análise mais detalhada para saber se se trata de línguas ou de línguas e seus dialectos" (MOISÉS; CANDE; JESUS, 2008, p. 290).

A discussão a respeito da quantidade de línguas faladas no território Moçambicano ainda não está concluída. Diversos estudiosos e pesquisadores se dedicam a tal tarefa, e ainda não há um consenso. De acordo com Moisés, Cande e Jesus (2008, p. 290), aproximadamente 40 línguas bantu são faladas em Moçambique, "embora ainda falte uma análise mais detalhada para saber se se

trata de línguas ou de línguas e seus dialectos" (MOISÉS; CANDE; JESUS, 2008, p. 290).

Esse número é baseado em três fontes distintas, a saber: o II censo populacional de Moçambique aponta 47 línguas; o Nelimo aponta 40 línguas, enquanto o Ethnologue apresenta 41 línguas. (MOISÉS; CANDE; JESUS, 2008, p. 285). O mapa da Figura 4, abaixo, representa as línguas consideradas por pelo Eberhard, Simons e Fenning (2015), na plataforma do Ethnologue.

Figura 4. Línguas Moçambicanas



Fonte: Eberhard, Simons e Fenning (2015)

É possível notar que, apesar de apresentarem 41 línguas, é válido questionar o estatuto dos itens numerados em (3) Makhuwa-Meetto, (9) Makhuwa-Saka, (10) Makhuwa-Shirima, (15) Makhuwa-Marrevone e (16) Makhuwa-Moniga, por exemplo. A pergunta que poderia ser feita - e a qual não

podemos responder - é se essas são todas línguas diferentes, ou variantes de uma mesma língua Makhuwa. Essa questão demonstra que a questão da situação linguística de Moçambique é uma discussão ainda em voga, sem constatações definitivas.

O Quadro 2 expõe um resumo das línguas mais faladas no país, de acordo com o último censo do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (2017).

Quadro 2. População segundo a língua materna (a partir de 5 anos)

Língua falada com mais frequência	Número de Falantes
TOTAL	22.243.373
Emakhuwa	5.813.083
Português	3.686.890
Xichangana	1.919.217
Elomwue	1.574.237
Cinyanja	1.790.831
Cisena	1.578.164
Echuwabo	1.050.696
Cindau	836.038
Xitswa	836.644
Mudo	4.173
Outras Línguas Moçambicanas	2.633.088
Outras Línguas Estrangeiras	112.385

Fonte: adaptado de INE (2017)

Por esses dados, é possível perceber que a maior parte da população tem como língua materna as línguas nacionais. Esse cenário tem incentivado os programas de educação bilíngue e a valorização das línguas moçambicanas.

A seguir, faremos uma breve contextualização a respeito da língua de estudo desta pesquisa, ou seja, a língua Rhonga, também chamada Xirhonga. O objetivo é apresentar alguns aspectos da gramática da língua, no intuito de fornecer uma visão panorâmica de aspectos da fonologia e da morfossintaxe, de modo a facilitar uma melhor compreensão do fenômeno da causativização.

2.3 Resumo do capítulo

No Capítulo 2, apresentamos o contexto linguístico do povo africano, expondo os momentos históricos relevantes que contribuíram para a atual política linguística do continente como um todo. O primeiro ponto que ressaltamos neste capítulo foi a infinidade de línguas, crenças, povos, etnias e costumes espalhados pelo território, que possui aproximadamente 1,3bi de habitantes.

Moçambique se tornou independente em 1975, ano no qual o Português foi eleito a língua oficial. O país se estruturou sobre uma cultura que não era a de seu povo, o que causava estranhamento e que não contemplava a maioria da população. As escolas passaram a adotar o ensino exclusivamente nas línguas

dos colonizadores, e as línguas nacionais foram inclusive proibidas em algumas regiões, prejudicando a qualidade de ensino e aprendizagem das crianças.

A partir da década de 80, deu-se início a uma ideologia que buscava dar voz às línguas silenciadas durante o período colonial. As línguas moçambicanas continuam ameaçadas, algumas inclusive em perigo de extinção. Atualmente, existem aproximadamente 40 línguas faladas no país e, todas pertencentes ao grupo Bantu. Levando-se em consideração que a maior parte da população tem as línguas nacionais como línguas maternas, programas de educação bilíngue e valorização das línguas moçambicanas têm ganhado forças.

Em busca de fazer parte desse processo de valorização de línguas moçambicanas, elegemos a língua Rhonga como objeto de estudo desta pesquisa. Então, no Capítulo 3, dedicamo-nos a apresentar os principais aspectos linguísticos dessa língua.

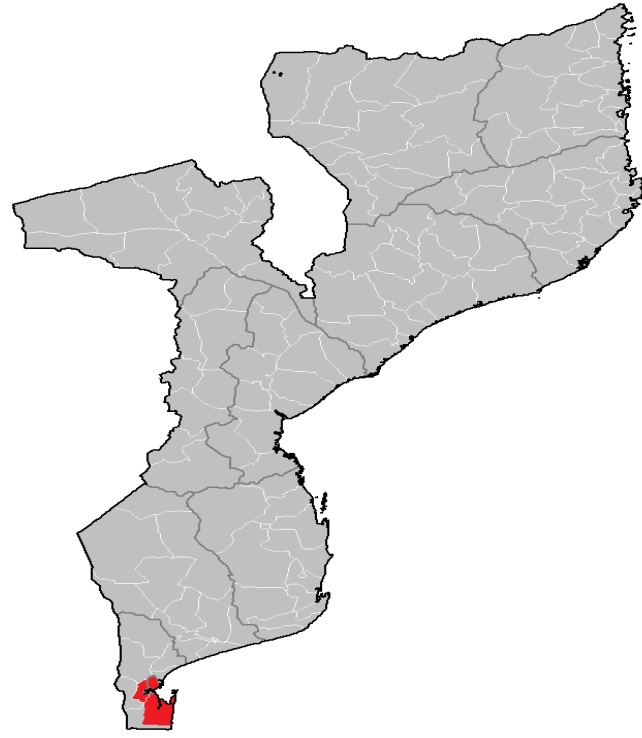
CAPÍTULO 3: LÍNGUA RHONGA: ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Neste capítulo, disponibilizaremos algumas informações importantes sobre a língua Rhonga (ou Xirhonga), bem como seus aspectos gramaticais mais relevantes e sua classificação tipológica. Com isso, pretendemos apresentar aspectos gramaticais da língua para que a análise a respeito das estruturas causativas fique mais clara.

3.1 Língua Rhonga ou Xirhonga

Dentre a codificação atribuída a cada umas das características dos grupos de línguas da família bantu, a língua Rhonga é classificada como S54, de acordo com Guthrie (1967-71), levando em consideração sua localização e genealogia. Desse mesmo grupo S (chamado Tsonga), fazem parte as línguas moçambicanas Changana (S53) e Tswa (S51), inteligíveis entre si. De acordo com Siteo e Dimande (2017, p. 125), “o Ronga é falado por cerca de 266.000 pessoas em Moçambique, nas províncias de Maputo e Gaza e na Cidade de Maputo. Esta língua é designada Xirhonga pelos seus falantes”. A Figura 5 demonstra onde essa língua é falada em Moçambique.

Figura 5. População Rhonga em Moçambique



Fonte: Castro, Antunes e Valias (2017, p. 10)

Devido à criação das fronteiras artificiais na época da colonização, é possível encontrar falantes de Rhonga também na zona meridional da República do Zimbabwe e na província sul-africana do Transvaal (NGUNGA; FAQUIR, 2012). É interessante dizer que alguns dos primeiros registros da gramática do Xirhonga datam aproximadamente o ano de 1903 (Bukhaneli bya Šironga⁸).

⁸ Junod, H. A. 1903. Bukhaneli bya Šironga – Grammar of the Ronga Language – Grammatica da Língua Ronga. Lausanne: Imprimerie Georges Brodel & Cie.

São quatro as variantes da língua mapeadas por Ngunga e Faquir (2012), a saber:

- a) xilwandle (xikalanga), falada no distrito da Manhiça;
- b) xinondrwana, falada em Marracuene, Maputo, Matola e Boane;
- c) xizingili (xiputru), falada desde a Katembe até a Ponta do Ouro;
- d) xihlanganu, falada na Moamba-sede e parte do distrito da Namaacha.

A seguir, apresentaremos os principais elementos da fonética da língua, principalmente no que diz respeito aos segmentos vocálicos e consonantais.

3.2 Elementos da Fonética

A fonética, de acordo com Cristófaru (2010, p. 23), “é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. De acordo com Ngunga (2012, p. 25), a função comunicacional da língua não é relevante para essa ciência, que se dedica a estudar apenas os fenômenos físicos envolvidos na produção da fala. Buscaremos apresentar aqui o inventário fonético do Xirhonga, exibindo os segmentos vocálicos e consonantais da língua.

Os sons da língua são formados a partir de correntes de ar que percorrem o corpo humano a partir de uma fonte (boca, fossas nasais, faringe, glote ou pulmões) até as cavidades. Para a produção das vogais, neste percurso, o ar não sofre qualquer interrupção de alvéolos, língua, dentes, lábios, etc. Para a formação das consoantes, por sua vez, a corrente de ar enfrenta obstruções totais ou parciais até atingir seu ponto final.

Os segmentos vocálicos se diferenciam de acordo com a posição da língua em termos de altura, posição da língua em termos de anterioridade ou posterioridade, e pelo arredondamento ou não dos lábios. As vogais existentes em Xirhonga, de acordo com Bachetti (2006, p. 12-13), estão esquematizadas a seguir:

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechados	[i]		[u]
Semifechados	[e]		[o]
Semiabertos	[ɛ]		[ɔ]
Abertos		[a]	

Vale ressaltar que em Xirhonga todas as vogais posteriores [u], [o] e [ɔ] são arredondadas e todas as vogais anteriores [i], [e] e [ɛ] e a vogal central [a] são não arredondadas.

Os segmentos consonantais, por sua vez, variam de acordo com o modo de articulação do aparelho fonador, em qual posição ocorre a articulação e qual o estado da glote em relação ao vozeamento ou desvozeamento.

No que diz respeito ao modo de articulação, as consoantes em Xirhonga podem ser oclusivas, implosivas, nasais, africadas, fricativas, laterais, laterais aproximantes ou vibrantes. Já em relação ao local dos articuladores envolvidos, as consoantes podem ser labiais, labiodentais, alveolares, retroflexas, alveolopalatais, palatais, labiovelares, velares ou glotais. Além disso, a maior parte delas pode ter sua variação entre vozeadas e desvozeadas. Ao total, são 44 consoantes em Xirhonga, totalizando 27 consoantes simples e 17 consoantes modificadas. As consoantes simples estão apresentadas no Quadro 3:

Quadro 3. Consoantes simples do Xirhonga

Grafema	Símbolo fonético	Descrição	Exemplo
<i>Desvozeadas</i>			
p	[p]	oclusiva bilabial	<i>pala</i> ‘crânio’
t	[t]	oclusiva alveolar	<i>tatana</i> ‘pai’
c	[c]	oclusiva palatal	<i>cana</i> ‘chá’
k	[k]	oclusiva velar	<i>kamba</i> ‘ladrão’
f	[f]	fricativa labiodental	‘fambani’ ‘adeus’

s	[s]	fricativa alveolar	siku ‘dia’
x	[ʃ]	fricativa palatal	xiluva ‘flor’
h	[h]	fricativa glotal	homu ‘boi’
r	[r]	vibrante múltipla alveolar	reye ‘rei’
q	[ɬ]	implosiva palatal (clique)	qina ‘maturidade’
vozeadas			
b	[b]	oclusiva bilabial	<i>bawudi</i> ‘porca’
b'	[b̥]	implosiva bilabial	<i>b'anga</i> ‘bar’
d	[d]	oclusiva alveolar	<i>dabu</i> ‘sarna’
d'	[d̥]	implosiva alveolar	<i>d'ohe</i> ‘amendoim’
g	[g]	oclusiva velar	galawu ‘grão’
m	[m]	nasal bilabial	mayaya ‘escamas’
n	[n]	nasal alveolar	nawu ‘lei’
ny	[ɲ]	nasal palatal	nyonxi ‘abelha’
n'	[ɲ̥]	nasal velar	n'wankumi ‘rico’
vh	[v]	fricativa labiodental	movha ‘carro’
v	[ʋ]	aproximante labiodental	mova ‘cana de açúcar’
z	[z]	fricativa alveolar	zambana ‘batata’
j	[ʒ]	Fricativa palatal	jelu ‘gelo’
l	[l]	lateral alveolar	leleto ‘conselho’
gq	[gɬ]	implosiva palatal (clique)	n'qawu 'cachimbo'
Semivogais			
y	[y]	semivogal palatal não arredondada	yene ‘ele/ela’
w	[w]	semivogal lábio-velar posterior arredondada	wutomi ‘vida’

As consoantes modificadas, por outro lado, são representadas, em sua maioria, por dois sinais gráficos. Essa composição não significa que são duas consoantes juntas, mas sim que as consoantes não são simples. Esses segmentos

passam por processos fonológicos de modificação. De acordo com Bachetti (2006, p. 23), “é preciso lembrar que, independentemente dos grafemas utilizados, trata-se sempre de uma só consoante porque produz um único som, mesmo que modificado, isto é, há uma única articulação do órgão fonador”. Essas consoantes estão apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 4. Consoantes modificadas do Xirhonga

Grafema	Símbolo Fonético	Descrição	Exemplo
<i>Desvozeadas</i>			
ps	[ps]	africada lábio-alveolar	psele ‘fêmea’
pf	[pf]	africada lábio-dental	pfulo ‘abertura’
ts	[ts]	africada alveolar	tsiku ‘mentira’
tr	[tz]	africada alveolar retroflexa	tremo ‘corte’
rh	[z]	africada alveolar retroflexa	rhindre ‘armadilha’
hl	[ɬ]	fricativa lateral alveolar	hlahle ‘faísca’
tl	[tɬ]	fricativa lateral pós-alveolar	tlavi ‘nuvem’
xj	[dʒ]	africada palatal	xjoya ‘joia’
n’q	[ŋʃ]	implosiva palatal nasalizada	n’qele ‘esquerda’
sv	[ʂ]	fricativa lábio-alveolar retroflexa (produz-se um pequeno assobio)	svakuda ‘comida’
<i>Vozeadas</i>			
bz	[bz]	africada lábio-alveolar	bzongwe ‘cérebro’
bv	[bv]	africada lábio-dental vozeada	bvovo ‘amendoim’
dz	[dz]	africada alveolar vozeada	dzolonga ‘briga’
dr	[dʒ]	africada alveolar retroflexa	drumo trovão’
lh	[ɬ]	fricativa lateral palatal	lhisó ‘veneno’
dl	[ɬ]	fricativa lateral pós-alveolar	dlodlo ‘atrapalhado’
zw	[z]	fricativa lábio-alveolar retroflexa (produz-se um pequeno assobio)	kuzwee ‘calmo’

Além das modificações apresentadas acima, as consoantes podem, ainda, passar por processos fonológicos derivados de combinações de consoantes. Alguns desses processos serão discutidos na próxima seção, juntamente com outros elementos da fonologia da língua.

3.3 Elementos da Fonologia

A partir do inventário fonético, alguns princípios orientam a organização da cadeia sonora da fala com o agrupamento de segmentos consonantais e vocálicos, determinando a “organização das sequências sonoras possíveis de uma determinada língua” (CRISTÓFARO, 2010, p. 117). De acordo com Ngunga (2012, p. 43), “a fonologia é o estudo dos sons da fala preocupando-se sobretudo com o seu papel na transmissão de mensagens entre os membros da comunidade linguística”.

Os sons em Xirhonga passam por alguns processos previstos por regras fonológicas. De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 109), processos fonológicos são “alterações sonoras sofridas nas formas básicas dos morfemas quando se combinam para formar palavras ou no início ou no final de palavras justapostas”. A seguir, apresentaremos algumas dessas regras, que poderão ser úteis para que seja possível entender alguns aspectos das sentenças causativas na língua.

3.3.1 Resolução de Hiatos

Em Xirhonga, o encontro de duas vogais, ou seja, a formação de hiato, não é permitido. Dessa maneira, sempre que essa situação ocorre, a língua busca estratégias para resolver essa junção, de acordo com a sequência das vogais envolvidas. Os três principais mecanismos empregados são fusão, elisão e semivocalização.

A formação de locativos é capaz de exemplificar como os três processos acima ocorrem em Xirhonga. Os substantivos, inclusive os deverbais, podem receber morfologia de locativos, que se realiza pelo sufixo {ini}, conforme o seguinte exemplo:

- (5) a. ngati.
9.sangue.
'sangue'.
b. ngat-ini.
9.sangue-LOC.
'no sangue'.

No contexto da concatenação do sufixo locativo, as regras de resolução de hiato serão aplicadas quando a raiz do nome a ser locativizado for terminada em vogal. Quando a raiz for terminada com a vogal /a/, a combinação com o morfema {-ini} ocasionaria o encontro indesejado de /a/ e /i/. Para resolver esse

hiato, a língua utiliza do processo de *fusão*. Assim, as características das duas vogais se fundem, ou seja, se unem, e dão origem a outra vogal com características semelhantes a ambas. Como /a/ é uma vogal baixa e /i/ é uma vogal alta, o resultado é uma vogal média /e/.

(6) a. ku-sungula.
15-começar.
'começo'.

b. ku-sungul-eni.
15-começar-LOC.
'no começo'.

Em alguns outros casos, pode ocorrer a assimilação de todas as características de uma das vogais, resultando assim na *elisão* da outra vogal. De acordo com Ngunga e Simbine (2012, p. 46)⁹, a elisão “é um fenômeno que ocorre quando uma vogal deixa de se realizar antes de outra vogal”. Um exemplo é o que pode ser visto na locativização do nome *mavele* ‘seios’. Ao se concatenar o morfema locativo {-ini}, todas as características da vogal /i/ são elididas, conforme demonstra o exemplo em (7):

⁹ Ngunga e Simbine (2012) foram os responsáveis por elaborar a Gramática Descritiva da Língua Changana. Estamos usando os conceitos principais dos autores devido à similaridade e familiaridade entre as línguas Changana e Rhonga. Ressaltamos, no entanto, que todos os conceitos dos autores foram testados levando-se em consideração dados da língua Xirhonga, objeto de estudo desta pesquisa.

- (7) a. ma-vele.
6-seio.
'seios'.
- b. ma-vele-(i)ni.
6-seio-LOC.
'nos seios'.

Por fim, outra estratégia de resolução de hiatos é a *semivocalização*, que ocorre quando uma das vogais se torna uma semivogal, com a finalidade de garantir o padrão silábico da língua. É o que notamos quando o sufixo locativo se concatena a um nome cuja vogal final do radical é /u/. Como essa é uma vogal arredondada, ela sofre *semivocalização*, passando a se comportar como a aproximante labiovelar também arredondada /w/, conforme o exemplo em (8):

- (8) a. buku.
livro.
'livro'.
- b. buk^w-ini.
livro-LOC.
'no livro'.

O processo de locativização exemplifica três estratégias de resolução de hiatos encontradas em Xirhonga. Ressaltamos, no entanto, que a resolução de hiatos ocorrerá sempre que houver o encontro de duas vogais, seja qual for o

contexto. A seguir, apresentaremos processos fonológicos que ocorrem com consoantes.

3.3.2 Modificação de Consoantes

Modificações de consoantes ocorrem quando o ambiente fonológico é capaz de modificar a qualidade da consoante, ou quando há combinação de mais de uma consoante.

Muitas consoantes em Xirhonga podem ser pré-nasalizadas, ou seja, as consoantes podem ser precedidas por uma nasal, conforme os exemplos de Bachetti (2006, p. 26), a seguir:

- (9) a. **mb**azu ‘machado’.
- b. **mp**imu ‘medida’.
- c. **nd**lala ‘fome’.
- d. **nf**anelo ‘dever’.
- e. **ng**ati ‘sangue’.
- f. **nl**hoko ‘cabeça’.
- g. **nk**ila ‘cauda’.
- h. **nr**hompfa ‘ateira silvestre’.
- i. **ns**una ‘mosquito’.
- j. **nt**amu ‘força’.
- k. **nvh**inya ‘videira’.

Repare que nesse processo, a pré-nasalização é marcada pela consoante [n], exceto nos exemplos em (9) e (9). Nesses dois casos, a nasal assimila o ponto

de articulação da consoante a qual irá se juntar, ou seja, uma vez que a nasal se junta a consoantes bilabiais /b/ e /p/, ela se torna também bilabial /m/.

Outra modificação sofrida pelas consoantes é a de aspiração, marcada graficamente pelo *h* logo após a consoante. Nesse processo, a consoante é pronunciada seguida de uma soltura de ar mais forte. Destaca-se aqui que nos grafemas *lh*, *rh* e *vh*, o *h* não representa a aspiração, mas sim consoantes com as qualidades já descritas na seção anterior, sobre Elementos da Fonética. Observe os exemplos de Bachetti (2006, p. 26-27):

- (10) a. **kh**ava ‘chugar’.
- b. **mh**andre ‘estaca’.
- c. **nh**ompfu ‘nariz’.
- d. **ph**aphu ‘pulmão’.
- e. **kutha** ‘jogar’.
- f. **wh**eti ‘mês’.

Está presente no Xirhonga, ainda, a labialização. Por meio deste processo morfológico, uma consoante se torna labial. A marca da labialização é a ocorrência do grafema *w* logo após a consoante modificada. Comparem-se os exemplos de Bachetti (2006, p. 27), a seguir:

- (11) a. **kugw**wimba ‘esticar’.
- b. **wukw**ele ‘ciúme, inveja’.
- c. **nwev**u ‘elástico’.
- d. **n’w**ana ‘filho’.
- e. **kutw**alisa ‘glorificar’.
- f. **kuxw**wela ‘atrasar’.
- g. **kuhlw**wela ‘demorar’.
- h. **kurhw**wala ‘carregar na cabeça’.

A pré-nasalização, a aspiração e a labialização são processos que podem, ainda, se combinar, gerando consoantes ainda mais complexas. Vejamos os exemplos a seguir, também de Bachetti (2006, p. 28-29):

- (12) a. xithomb**he** ‘retrato’. → Pré-nasalização + Aspiração
b. **ndh**ambi ‘cheia’.
c. **ng**hozi ‘acidente’.
d. **nk**hongoto ‘oração’.
e. kum**ph**umela ‘nublar-se’.
f. **nth**ona ‘pingar’.
- (13) a. **ng**wenya ‘crocodilo’. → Pré-nasalização + Labialização
b. **nhl**warhi ‘oliveira’.
c. **nk**wama ‘bolsa’.
d. **nt**wananu ‘união’.
- (14) a. kuk**hw**ela ‘subir’. → Aspiração + Labialização
b. **nh**wala ‘piolho’.
c. **n’**hwari ‘perdiz’.
d. kuth**wa**sa ‘aparecer da lua’.

Os segmentos vocálicos e consonantais se organizam em cadeias sonoras de acordo com o padrão silábico da língua. A seguir, descreveremos as sílabas em Xirhonga.

3.3.3 *Sílaba*

Os segmentos consonantais e vocálicos podem se combinar em unidades de som, pronunciadas numa única emissão de voz, com um pico ou núcleo. Essa

unidade é chamada de sílaba. As sílabas são compostas por pelo menos uma vogal (V) na posição de núcleo, que pode se combinar com uma consoante (C) que pode ser simples, composta ou modificada, ou uma semivogal (SV). De acordo com Bachetti (2006, p. 30):

Na língua ronga, a sílaba é constituída por um “núcleo” antecedido por uma “margem pré-nuclear”: o núcleo é sempre representado por uma vogal simples ou modificada, ou uma semivogal. Por outras palavras, a estrutura básica da sílaba, na língua ronga (e nas línguas bantu em geral), é “consoante-vogal” (CV).

As sílabas em Xirhonga são chamadas também de abertas ou livres, uma vez que só podem terminar por vogais, e nunca por consoantes. A sílaba inicial de uma palavra jamais pode ser iniciada por vogal, enquanto a sílaba final jamais pode ser terminada em consoante. As consoantes podem ser simples, compostas ou modificadas.

As sílabas podem receber, em nível suprasegmental, tons diferentes, ou seja, assumem diferentes alturas em relação a um ponto de referência. A seguir, mostraremos que há no Xirhonga diferentes tons, que podem ou não funcionar de forma contrastiva.

3.3.4 Tom

O tom contrastivo, tanto lexical quanto gramatical, está presente na língua, mas só deve ser marcado com acento grave (tom baixo) ou agudo (tom alto) quando há ocorrência de pares mínimos. A seguir, são apresentados pares mínimos com tom contrastivo lexical na língua (Bachetti, 2006, p. 33):

(15) Tom contrastivo lexical

Tom alto	Tom baixo
kuhóla ‘receber dinheiro’	kuhòla ‘arrefecer’
rhánga ‘adianta’	rhànga ‘abóbora’
nála ‘folha de palmeira’	nàla ‘inimigo’
mavéle ‘seios’	mavèle ‘milho’
músi ‘fumo’	mùsi ‘pau de pilão’

Os tons contrastivos gramaticais, por sua vez, não diferem palavras, mas sim elementos gramaticais na língua. Observa-se o exemplo em (16):

(16) Tom contrastivo gramatical

- a. a-hi-fámb-i.
1PL-ASP-ir-PAST.
‘nós vamos’.
- b. a-hi-fàmb-i.
1PL-ASP-NEG.ir-PAST.
‘nós não vamos’.

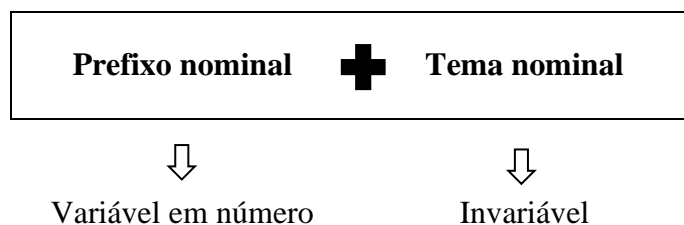
Percebemos que não há nada segmental que difira as sentenças em (16) e (16). No entanto, a mudança suprasegmental do tom de alto para baixo, marcado no radical do verbo *kufamba* ‘ir’, é capaz de modificar o sentido da frase de afirmativa para negativa. No decorrer do trabalho, o tom alto não será marcado, e o tom baixo será marcado apenas quando distintivo.

Feito a descrição dos principais elementos da fonologia do Xirhonga, passaremos agora para a apresentação dos elementos da morfologia nominal.

3.4 Elementos da Morfologia Nominal

A estrutura dos nomes em Xirhonga pode ser dividida em duas partes principais, a saber: prefixo nominal e tema nominal, que podem ser esquematizadas da seguinte maneira:

Figura 6. Estrutura dos nomes em Xirhonga



É no tema nominal que está a ideia lexical invariável do nome. As flexões de derivações, por sua vez, podem ocorrer mediante os prefixos nominais. Veja os exemplos (NGUNGA, 2012, p. 91):

- (17) a. ku-tral-a ‘escrever’.
b. xi-tral-o ‘objeto que serve para escrever’, ‘caneta’, ‘lápiz’.
c. mu-tral-i ‘escritor’.
d. ma-tral-el-a ‘ortografia’, ‘maneira de escrever’.

Nos exemplos acima, nota-se que em (17), o tema lexical é *-tral-*, que se repete invariavelmente em todos os casos, mantendo a ideia lexical de escrever. O que varia, no caso, é o prefixo nominal, capaz de modificar o sentido da palavra, a saber: em (17) ku- é a marcação de infinitivo verbal, em (17), o xi- é o prefixo da classe 7, que detém os nomes com sentido de coisas e objetos, em (17) mu- é o prefixo da classe 1, que designa pessoas, e em (17) ma- é o prefixo que indica a derivação, realizada pelas extensões verbais da posição pós-verbal.

Para que essa explicação fique ainda mais clara, ressaltamos que o Xirhonga possui, assim como as demais línguas bantu, sistema de concordância nominal com base em gênero semântico. Isso quer dizer que “em Rhonga, o sistema de classes é baseado na natureza do nome (*nature-based*), e leva em consideração a sua semântica” (CASTRO; ANTUNES; VALIAS, 2017, p. 189), e não a marcação de gênero dual feminino-masculino, como ocorre nas línguas românicas. Essas classes podem ser marcadas ou não marcadas

morfológicamente no verbo, na posição de prefixo nominal, e desencadeiam a concordância com os demais elementos da sentença. Essas classes são apresentadas no Quadro 5:

Quadro 5. Classes nominais semânticas do Rhonga

Classes	Prefixos	Valor semântico	Exemplos
1	mu-	Indica principalmente os nomes que designam pessoas	Murhonga ‘o rhonga’ Muhloti ‘o caçador’ Muyeni ‘o visitante’
2	va-	Plural da classe 1	Varhonga ‘os rhongas’ Vahloti ‘os caçadores’ Vayeni ‘os visitantes’
3	mu-	Indica principalmente os nomes de árvores e plantas	Murhi ‘remédio’ Mudahomu ‘erva’ Nembenembe ‘arbusto’
4	mi-	Plural da classe 3	Mirhi ‘remédios’ Midahomu ‘ervas’ minembenembe ‘arbustos’
5	dri-	Indica principalmente a classe dos frutos	Dravana ‘cereal’ Tandra ‘ovo’ Bomu ‘limão’
6	ma-	Plural da classe 5 e da classe 14	Matandra ‘ovos’ Mabomu ‘limões’ Madravana ‘cereais’
7	xi-	Indica principalmente os instrumentos e coisas	Xifambu ‘sapato’ Xifenyu ‘pente’ Xirhonga ‘língua rhonga’
8	svi-	Plural da classe 7	Svifambu ‘sapatos’ Svifenyu ‘pentes’
9	yi-	Indica principalmente os animais	Yingwe ‘leopardo’ Homu ‘boi’ Hamba ‘carneiro’
10	ti-	Plural da classe 9 e da classe 11	Tiyingwe ‘leopardos’ Tihomu ‘bois’ Tihamba ‘carneiros’ Timpapa ‘asas’
11	li-	Indica principalmente coisas longas e astratas	Lipapa ‘asa’ Lidrimi ‘língua’ Livengo ‘ódio’

			Lirhandru ‘amor’
14	wu-	Indica principalmente nomes abstratos e líquidos	Wugamu ‘fim’ Wumbilu ‘benevolência’
15	ku-	Indica o infinitivo verbal e nomes verbais	Kurahmdra ‘amar’ Kuxonga ‘a beleza’ Kulwa ‘o combate’ Kufa ‘morte, morrer’

Fonte: adaptado de Bachetti (2006, p. 42 -53)

Para além dos dados apresentados acima, há autores que divergem em relação aos prefixos apresentados e sua ortografia. Além disso, existem inúmeros casos de palavras que se enquadram dentro de uma classe nominal, mas não possuem o valor semântico proposto. O critério semântico de classificação de classes nominais pode ser considerado, então, falacioso, por mais que haja recorrência de algumas categorias semânticas dentro das classes. São raríssimas as classes em que aparecem apenas nomes de uma mesma categoria. Muitos nomes que deveriam se encaixar em alguma classe são drenados para alguma outra classe, seja por mudanças semânticas, seja por substituição de seus prefixos. As línguas são como organismos que se transformam com o passar do tempo e, dessa forma, qualquer tentativa de engessá-la ou classificá-la demasiadamente apresentará exceções (HEINE et al. 1982).

O sistema de concordância em Xirhonga, conforme dito anteriormente, ocorre na posição de prefixo nominal. O prefixo do nome se estende aos demais

elementos da sentença de forma paradigmática, desencadeando, assim, a concordância. Vejamos o exemplo em (18) (BACHETTI, 2006, p. 76):

- (18) svi-fambu svi-mpsha le-svi.
 CL8-sapato CL8-novo DEM-CL8.
- sva tatana svi-xong-ile.
 GEN CL1.pai CL8-ser bonito-PAST.

‘estes sapatos novos do pai são bonitos’.

Percebemos que a classe 8, marcada pelo prefixo sv- em *svifambu* ‘sapato’, marca a concordância do nome com o adjetivo *svimpsha* ‘novos’, com o demonstrativo *lesvi* ‘estes’, com o possessivo/genitivo *sva* ‘de’ e com o verbo *svixongile* ‘ser bonito’. Cada classe nominal possui prefixos de concordâncias diversos, que estão organizados no quadro a seguir:

Quadro 6. Prefixos de Concordância

Classe	Prefixo Nominal	Prefixos de concordância				
		Adjetivo	Numeral	Possessivo	Demonstrativo (este, esse, aquele)	Verbo
1	mu-, m-, n-, n’w-, wa-, ø-	mu-, m-, n-	mu-	w-	lweyi, lweyo, lwiya	na-, wa-, a-,
2	va-	va-	va-	v-	lava, lavo, lavaya	va-, ha-, ma-
3	mu-, m-, n-, n’w-	w-	wu-	w-	lowu, lowo, lowuya/luwa	wu-

4	mi-	y-	yi-	y-	leyi, leyo, liya	mi-, yi-
5	dri-, ø-	dri-	dri-	dr-	ledri, ledro, ledriya	dri-
6	ma-	ma-	ma-	y-	lawa, lawo, lawaya	ma-
7	xi-	xi-	xi-	x-	lexi, lexo, lexiya	xi-
8	svi-	svi-	svi-	sv-	lesvi, lesvo, lesviya	svi-
9	yi-, m-, n-, h-	y-	yi-	y-	leyi, leyo, leya	yi-
10	ti-	ti-	ti-	t-	leti, leto, letiya	ti-
11	li-	li-	li-	dr-	ledri/ledi, ledro/leto, ledriya/leliya	dri-, li-
14	wu-	bza-, bzi-	bzi-	bz-	lebzi, lebzo, lebziya	bza-, bzi-
15	ku-	ku-	ku-	Ka	loku, loko, lokuya	ku-
16	ha-	ku-	ku-	Ka	laha/lani/la, lano, lahaya/laya	ku-
17	ku-	ku-	ku-	Ka	loku, loko, lokuya	ku-
18	mu-, n-	ku-	ku-	Ka	lomu, lomo, lomuya	ku-

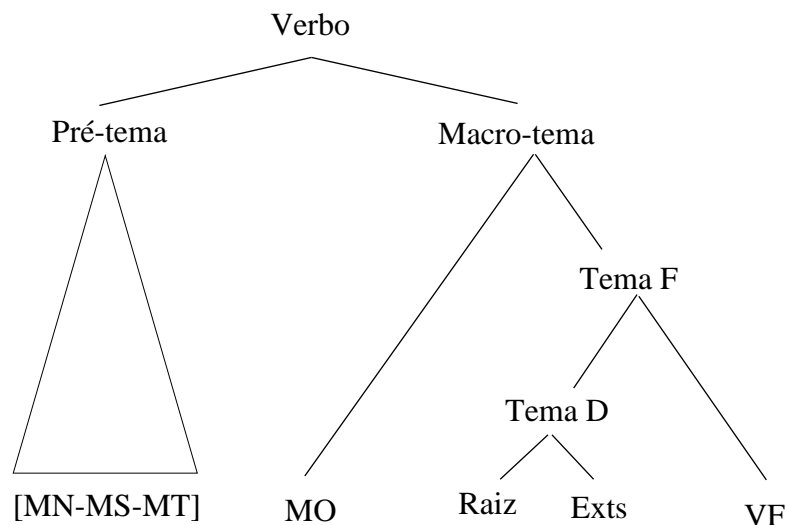
Fonte: Bachetti (2006, p. 99)

Após apresentarmos os elementos da morfologia nominal, nos dedicamos agora à morfologia dos verbos em Xirhonga, a qual apresentamos a seguir.

3.5 Elementos da Morfologia Verbal

Segundo Ngunga (2012), a estrutura do verbo em bantu possui 5 slots principais, separados em pré-tema e macrotema. O pré-tema abrange a marca de negação (MN), a marca de sujeito (MS) e a marca de tempo (MT). O macrotema, por sua vez, tem como núcleo a raiz verbal, e pode receber a marca de objeto (MO), extensões verbais (causativa, applicativa, passiva etc.) e a vogal final (VF), conforme a estrutura a seguir, de Ngunga (2012, p. 129):

(19)



Os verbos, por sua vez, podem ser derivados ou não derivados. O verbo não derivado, de acordo com Ngunga e Simbine (2012, p. 125), possui a seguinte estrutura: PREFIXO-RAIZ-VOGAL FINAL, conforme o exemplo em (20):

(20) ku-b-a ‘bater’.
INF-bater-VF.
‘bater’.

A vogal final é, de acordo com Bachetti (2006, p. 102), “invariável no infinitivo de todos os verbos regulares”. Para verbos em tempos finitos, a vogal final dá lugar aos sufixos, que podem corresponder a marcas de tempo (MT), marcas de negação (MN) e marcas de aspecto (MA). Os prefixos, por sua vez,

podem ser marcas de sujeito (MS), marcas de tempo (MT), marcas de negação (MN), marcas de objeto (MO) e marcas de aspecto (MA). Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (21) mine **ni**-xava buku. → Marca de sujeito
 eu MS-comprar livro.
 ‘eu comprei livro’.
- (22) ni-**mu**-lomb-a hamela. → Marca de objeto
 MS-**MO**-emprestar-MT martelo.
 ‘empresto-lhe o martelo’.
- (23) a. mina ni-xav-**i** ti-mbuti. → Marca de tempo
 eu MS-comprar-**PAST** CL10-cabra.
 ‘eu comprei cabras’.
- b. mina ni-**ta**-xav-a ti-mbuti.
 eu MS-**FUT**-comprar-VF CL10-cabra.
 ‘eu comprarei cabras’.
- (24) a. vone v-**a**-xav-a buku. → Marca de aspecto
 eles MS-**HAB**-comprar-VF livro.
 ‘eles compram livro’.
- b. vone v-**o**-xav-a buku.
 Eles MS-**PROG**-comprar-VF livro.
 ‘eles estão a comprar livro’.
- (25) a. yene a-xav-i ma-bolhela. → Marca de negação
 ele/ela MS-comprar-**PAST** 6-garrafa.
 ‘ele comprou a garrafa’.
- b. yene a-**nga**-xav-**ang**-a ma-bolhela.
 ele MS-**NEG**-comprar-**NEG**-VF 6-garrafa.
 ‘ele/ela não comprou a garrafa’.

As conjugações verbais ocorrem de acordo com os prefixos de concordância das classes ou com os pronomes. Os pronomes do caso reto são: *mine* 'eu', *wene* 'tu', *yene* 'ele/ela', *hine* 'nós', *n'wine* 'vós' e *vone* 'eles/elas'. O quadro a seguir exemplifica o paradigma de conjugação do verbo *kuxava* 'comprar, no presente habitual e progressivo, no pretérito perfeito e imperfeito e no futuro afirmativo e progressivo.

Quadro 7. Paradigma verbal do verbo *kuxava* (comprar) no modo indicativo

Pessoas			presente		pretérito		futuro	
			habitual	prog	perfeito	imperfeito	afirm.	prog.
Singular	1 ^a	mine	naxava	noxava	nixavile	anixava	nitaxava	nitavanoxava
	2 ^a	wene	waxava	woxava	uxavile	wuxava	utaxava	utavawoxava
	3 ^a	yene	awaxava	oxava	axavile	axava	ataxava	atavaoxava
Plural	1 ^a	hine	haxava	hoxava	hixavile	ahixava	hitaxava	hitavahaxava
	2 ^a	n'wine	maxava	moxava	mixavile	amixava	mitaxava	mitavamoxava
	3 ^a	vone	vaxava	voxava	vaxavile	avaxava	vataxava	vatawavoxava

Fonte: Bachetti (2006, p. 131-138)

Os verbos derivados, por sua vez, podem receber as chamadas extensões verbais. As extensões verbais são morfemas concatenados logo após a raiz do verbo, capazes de derivar seu sentido. Nas línguas bantu, elas são utilizadas amplamente para gerar diversos sentidos, tais como sentido causativo, aplicativo,

impositivo, posicionais/estativos, recíprocos, passivo, entre outros. As extensões verbais presentes em Xirhonga (BACHETTI, 2006) e aquelas reconstruídas do proto-bantu (GUTHRIE, 1970; SCHADEBERG, 2003) estão apresentadas no Quadro 8:

Quadro 8. Extensões Verbais reconstruídas do proto-bantu e do Xirhonga

	Extensão Verbal	Protobantu Guthrie (1970)	Protobantu Schadeberg (2003)	Xirhonga Bachetti (2006, p. 113)
1	Causativa	*-is-	*-i-/-ici-	-is-
2	Aplicativa (dativa)	*-id-	*-il	-el-
3	Impositiva		*-ik-	
4	Neutra	*-ik-	*-ik-	
5	Estativa/Pseudopassiva	*-am-	*-am-	-ek-
6	Recíproca (Associativa)	*-an-	*-an-	-an-
7	Repetitiva		*-ag- ~ -ang-	
8	Extensiva		*-al-	
9	Contactiva (tentiva)		*-at-	-et-
10	Separativa (Reversiva)	*-ul-	*-ul-;-uk-	-ul-
11	Passiva	*-w-/-ibw-	*-u-/-ibu-	-iw-
12	Persistiva	*-idid-		-etel-
13	Intensiva	*-isis-		-isis-

Fonte: Langa (2012); Ngunga e Simbine (2012, p. 145); Bachetti (2006, p. 113)

A extensão causativa é responsável por indicar que um elemento A na sentença causa um elemento B realizar ou participar da ação descrita pelo verbo.

Ela se realiza pelo morfema {-is-}:

- (26) tatana a-yiv-is-a n'wana mi-movha.
pai 3SG-roubar-CAUS-VF filho 4-carro.
'ó pai manda o filho roubar os carros'.

A extensão applicativa, por sua vez, realizada pelo morfema {-el-}, indica que o evento descrito pelo verbo é realizado em benefício ou malefício alguém, ou então para alguém. Vejamos os exemplos:

- (27) a. ni-xav-el-a mamana a kapulana.
 1SG-comprar-APPL-VF mãe DET pano.
 ‘eu comprei um pano para a mãe’.
- b. hi-tral-el-a tatana a papela.
 1PL-escrever-APPL-VF pai DET carta.
 ‘escrevemos uma carta ao pai’.

A extensão estativa ou posicional, marcada pelo morfema {-ek-} indica em qual estado o sujeito se encontra, conforme demonstram os seguintes exemplos:

- (28) a. kerheke dra-von-ek-a.
 5.igreja 5-ver-EST-VF.
 ‘a igreja é visível’.
- b. mpunga wa-xav-ek-a.
 3.arroz 3-comprar-EST-VF.
 ‘o arroz é barato’.

A extensão recíproca está relacionada com a ideia de que o evento expresso pelo verbo é praticado tanto pelo sujeito quanto pelo objeto, mutuamente e reciprocamente. O morfema responsável por essa codificação é o {-an-}. Vejam-se os exemplos em (29), de Bachetti (2006):

(29) a. va-kriste va-pfun-an-a
 CL2-cristão CL2-ajudar-REC-VF
 ‘os cristãos ajudam-se uns aos outros’

b. mine na Úrsula ha-rhand-an-a
 eu e Úrsula 1PL-amar-REC-VF
 ‘eu e a Úrsula amamo-nos’

A extensão separativa ou reversiva, marcada pelo morfema {-ul-}, atribui o evento contrário ao verbo, negando-o. Essa extensão geralmente não se concatena à raiz verbal, mas sim substitui uma outra extensão verbal, tal como a applicativa {-el-}. Vejam-se os exemplos:

(30) a. m-bzana yi-yimb-el-a rhambu.
 9-cão 9-enterrar-APPL-VF osso.
 ‘o cão enterra o osso’.

b. mbzana yi-yimb-ul-a rhambu.
 9-cão 9-enterrar-REV-VF osso.
 ‘o cão desenterra o osso’.

A extensão passiva {-iw-} indica que o sujeito da sentença é afetado pelo evento expresso pelo verbo. Ou seja, o sujeito da sentença é, na verdade, o paciente da ação.

(31) a. ti-nyala ti-xav-iw-a hi Clara.
 10-cebola 10-comprar-PASS-VF por Clara.
 ‘as cebolas são compradas pela Clara’.

b. sv-akuda	svi-nyik-iw-a	a	xi-siwana.
8-comida	8-dar-PASS-VF	a	7-pobre.

‘a comida é dada ao pobre’.

A extensão persistiva ou frequentativa indica que o evento é realizado repetitivamente, com frequência. O morfema que realiza essa extensão verbal é {-etel-, -et-}. Vejamos:

(32) m-bzana	yi-lum-etel-a	rhambu.
9-cão	9-morder-PERS-VF	osso.

‘o cão mordisca (morde várias vezes) o osso’.

Por fim, a extensão intensiva {-isis-, -is-} representa maior intensidade, cuidado, perfeição ou força com que o evento do verbo é realizado. Observa-se em (33):

(33) yene	a-many-isis-a	bandhi	dra-ke.
ele/ela	3SG-apertar-INTENS-VF	5.cinto	5-POSS.

‘ele aperta bem o seu cinto’.

3.6 Resumo do capítulo

O Xirhonga, classificado como S54 por Guthrie (1967-71), assim como as demais línguas Bantu, possui sistema de concordância baseada em classes semânticas, que se organizam em prefixos nominais numerados de 1 a 18, em

pares de oposição singular e plural. A estrutura silábica é sempre composta por uma vogal antecedida por, pelo menos, uma consoante, que pode ser simples, composta ou modificada. Além disso, possui tom contrastivo tanto em nível lexical quanto gramatical.

A estrutura verbal é rica em morfologia, e se organiza em pré-tema (marca de negação, marca de sujeito e marca de tempo) e macro-tema (marca de objeto, raiz, extensões verbais e vogal final). O verbo derivado recebe as chamadas extensões verbais, concatenadas logo após a raiz do verbo, tais como as extensões causativas, aplicativas, posicionais/estativas, recíprocas, reversivas, passivas, persistivas e intensivas. Nosso foco, aqui, são as extensões verbais causativas e qual é o estatuto dessa extensão quando presentes em estruturas causativas morfológicas.

Apresentados os principais aspectos gramaticais da língua Rhonga, o objetivo do próximo capítulo é investigar as propriedades sintáticas das causativas em Rhonga, mas antes faz-se necessário efetuar uma caracterização conceitual do que venha a ser o fenômeno da causativização.

CAPÍTULO 4: O QUE SÃO ESTRUTURAS CAUSATIVAS?

As abordagens a respeito de estruturas causativas são abundantes nas pesquisas linguísticas. Provavelmente, a extensa investigação que envolve este tema está relacionada com o apontamento proposto por Whaley (1997), segundo o qual as línguas possuem maneiras variadas para expressar enunciados causativos, ou seja, cada língua apresenta expedientes gramaticais diversos. Uma mesma língua pode, ao mesmo tempo, apresentar estruturas causativas com diferentes estatutos semânticos.

A estrutura de uma sentença causativa, como o nome já diz, está relacionada com a ideia de causa, causação, causalidade. Necessariamente, há um evento que causa uma mudança de estado. Há diferentes expedientes gramaticais possíveis para expressar esse tipo de estrutura na grande variedade de línguas no mundo, de forma que cada uma das línguas levará em consideração o que para ela for relevante.

De acordo com Song (2013), as estruturas causativas são expressões linguísticas que denotam uma situação complexa composta por dois eventos: o evento causador, no qual um elemento causador (*causer*) causa ou inicia algo, que se concretiza no evento causado; o elemento causado (*causee*), por sua vez, recebe uma ação ou sofre uma mudança de condição ou estado como resultado do primeiro evento.

- (34) Eu fiz João sair.
causer causee

Velupillai (2012, p. 260) descreve as construções causativas essencialmente como a junção de dois eventos separados em um único evento complexo, aumentando a valência do evento original. Assim, dois eventos separados são fundidos em um: o evento causador no qual um elemento causador faz alguma coisa, e um evento causado, onde o elemento causado faz algo por causa da ação do causador, uma reação.

- (35) Eu fiz João sair.
evento evento
causador causado

Já de acordo com Pykkänen (2008), a causativização é um fenômeno que pode alterar a estrutura o número de argumentos que um verbo projeta, de forma que um verbo causativizado pode envolver um argumento adicional, interpretado como causador do evento descrito pela raiz verbal, conforme o exemplo de Bruno (2009, p.127), em (36):

- (36) a. A inflação caiu.
b. O governo caiu a inflação.

Comrie (1989, p. 166-168) subdivide as estruturas causativas em três subtipos: (i) causativas analíticas; (ii) causativas morfológicas e (iii) causativas lexicais.

As causativas analíticas são aquelas em que há dois predicados distintos: um que expressa a ideia de causa e outro que expressa a ideia de efeito, conforme o exemplo de Comrie (1989, p. 167), do inglês, em (37):

- (37) I caused John to go.
'eu causei João ir'.

Nas causativas morfológicas, por outro lado, a relação do predicado de causa e do predicado de efeito se realiza por meios morfológicos. É o caso do turco, por exemplo, em que os morfemas {-dür} e {-t} são produtivos para formar sentenças causativas, conforme os exemplos a seguir (COMRIE, 1989, p. 167):

- (38) a. öl 'morrer'.
öl-dür 'matar'.

b. göster 'ver'.
göster-t 'mostrar'.

Nas causativas lexicais, a relação entre a expressão do efeito e a expressão da causa não é realizado por nenhum processo produtivo. A relação de causa e

efeito se realiza por um único lexema, conforme Comrie (1989, p. 167) demonstra a partir dos dados do inglês e do turco, em (39) abaixo:

- (39) a. to die.
 ‘matar’.
 to kill.
 ‘morrer’.
- b. ubif.
 ‘matar’.
 umeret.
 ‘morrer’.

A seguir, discutiremos qual é a discussão teórica realizada sobre estruturas causativas pela visão funcionalista.

4.1 A abordagem funcionalista a respeito das causativas

A tradição linguística tem se ocupado em classificar as causativas em diretas e indiretas, levando em consideração a proximidade, a simultaneidade e o nível de influência dos eventos de causa e efeito (SAKSENA, 1980; HAIMAN, 1983; WHALEY, 1997).


Haiman (1983) defende que a distância linguística entre expressões corresponde à distância conceitual entre elas. Por distância linguística, o autor compreende o tamanho do material fônico (em sílabas) entre um elemento e outro. Logo, em uma estrutura causativa que compreende dois fenômenos, a

distância entre o primeiro fenômeno e o segundo fenômeno são motivados iconicamente, representando a distância entre a causa e o efeito da causação.

Como exemplo, o autor utiliza as expressões *kill* (matar) e *cause to die* (morrer) do inglês, e assume que as duas expressões não são sinônimas. A escolha entre uma ou outra forma não é arbitrária, mas é iconicamente motivada pelo princípio da economia. Ou seja, quanto mais direta a relação de causa e efeito, menor será a estrutura (*kill*), e quanto mais indireta for essa relação, maior será a estrutura (*cause to die*). Assim, consoante Wierzbicka (1980, apud Haiman, 1983, p. 784), “na construção causativa analítica, causa e resultado não ocorrem necessariamente ao mesmo tempo ou no mesmo local, nem há contato físico entre o causador e a causa”.¹⁰ Observe que essa descrição parece coincidir com a tipologia de Comrie (1989), conforme ilustrado no Quadro 9 a seguir:

¹⁰ “in the analytic causative construction, cause and result are not necessarily at the same time or at the same place, nor is there physical contact between the causer and the cause” Wierzbicka (1980, apud Haiman, 1983, p. 784).

Quadro 9. A relação entre o tipo de causativa e a força de causação.

Tipo de Causativa	Forma	Causação
Lexical	item lexical causativo	Mais direta
Morfológica	verbo + morfema	
Analítica	auxiliar + verbo	

Givón (2001) corrobora essa visão, afirmando que quando uma língua puder possuir causativas perifrásticas e causativas morfológicas, a primeira licenciará um argumento afetado e agente com traços de humano. Ou seja, esta codificará uma causação mais fraca, enquanto aquela apresentará uma causação mais forte.

Apesar das análises apresentadas acima, não adotaremos nesta dissertação a distinção entre “causação direta” e “causação indireta” para descrevermos os dados da língua Rhonga.¹¹ Assumiremos que esses conceitos não estarão relacionados à ideia de distanciamento linear, proposta por Haiman (1983). Argumentaremos, a partir de um quadro teórico gerativo, que essas distinções

¹¹ Ainda assim, não descartamos que pode haver relações sintático-semânticas que motivem a utilização de estruturas causativas específicas, com diferentes experientes gramaticais, relacionada aos papéis temáticos de Causer e Causee. Não obstante, deixaremos essa discussão para trabalhos futuros.

são derivadas de diferentes estruturas sintáticas subjacentes, hierárquicas e não-lineares. A seguir, apresentaremos os pressupostos da Sintaxe Gerativa nos quais nos basearemos para o desenvolvimento da análise do Xirhonga.

4.2 Pressupostos da Sintaxe Gerativa

A proposta gerativa foi formulada por Chomsky em meados do século XX, mediante a observação de que todos os seres humanos, com base nos itens lexicais finitos de seus idiomas, juntamente com um número finito de processos computacionais, seriam capazes de formar e entender infinitas sentenças, inclusive sentenças inéditas. Diante disso, a sintaxe gerativa dedica-se a mapear as regras computacionais presentes nas línguas naturais, ao propor a existência de uma Gramática Universal comum a todas elas (OTHERO; KENEDY, 2005, p. 12-16).

O Programa Minimalista surge na década de 1990 (CHOMSKY, 1995) com o intuito de eliminar possíveis construtos teóricos desnecessários, buscando descrições as mais sucintas possíveis. Isso ocorreu porque as operações propostas no quadro da gramática gerativa se tornaram tão complexas que, possivelmente, eram mais complexas do que os problemas que queriam resolver. Esse programa não é uma teoria, mas sim uma descrição de elementos metodológicos a serem aplicados nas análises linguísticas, que se sustenta, principalmente, nos conceitos

de economia, simplicidade e uniformidade (RAZAGHI; RAHAVARD; SADIGUI, 2015).

Por economia, entende-se que as representações sintáticas devem contar com o mínimo de constituintes e derivações sintáticas, envolvendo o menor número possível de operações gramaticais, de forma a eliminar etapas supérfluas nas derivações. Além disso, há a priorização de movimentos curtos, e o elemento movido, juntamente com todos os seus traços, são adicionados a uma estrutura como um único elemento em uma etapa derivacional (RAZAGHI; RAHAVARD; SADIGUI, 2015, p. 2-3).

A ideia de simplicidade, por sua vez, prediz que as línguas obedecerão às regras mais fáceis e simples, empregando apenas as menos elaboradas, sempre que possível (RAZAGHI; RAHAVARD; SADIGUI, 2015. p. 3). Por fim, à luz da uniformidade, "na ausência de fortes evidências que apontem para o contrário, assume-se que as línguas são uniformes e as variações são restritas a propriedades facilmente identificáveis dos enunciados." (CHOMSKY, 2001, p. 2, tradução nossa).¹² Com base nesses conceitos, pauta-se a estrutura argumental, que será discutida a seguir.

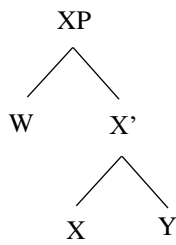
¹² "Uniformity Principle: In the absence of compelling evidence to the contrary, assume languages to be uniform, with variety restricted to easily detectable properties of utterances" (Chomsky, 2001, p. 2).

4.3 Estrutura argumental

O modelo padrão de estrutura sintática que vigorou de 1957 a 1965 pautava os conceitos de regras de reescrita categorial (PS Rules) e regras de inserção lexical. Segundo esse modelo, haveria uma organização do léxico com base nas regras gramaticais. O item léxico conteria traços fonéticos, semânticos e sintáticos, que regeriam as propriedades de subcategorização da estrutura dos constituintes. Eles então alimentariam a sintaxe e, em seguida, seriam enviados à Forma Fonética e à Forma Lógica.

Essa teoria, no entanto, apresentou alguns problemas. O primeiro deles foi a redundância, porque a PS Rule duplica informações explícitas já especificadas pela subcategorização, complicando desnecessariamente os processos gramaticais. O segundo é o fato de não representar bem a hierarquia entre os termos, de forma que não era possível identificar o núcleo de uma sentença. A Teoria X-barras surge, então, a partir dos anos de 1970, partindo-se da ideia de que, para que se tenha uma organização hierárquica dos constituintes da sentença bem representada, as estruturas sintáticas precisam ser binárias (JACKENDOFF, 1977). A Teoria X-barras propõe a seguinte generalização em (40) para as estruturas sintagmáticas:

(40)



De forma que:

XP = Projeção máxima (sintagma)

W = Especificador

X' = Projeção intermediária

X = Núcleo

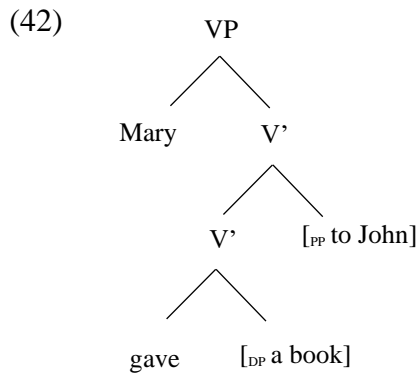
Y = Complemento

A partir dos pressupostos da Teoria X-barra, algumas estruturas encontradas nas línguas naturais passaram a ser mais debatidas em termos de representação sintática subjacente e das relações hierárquicas estabelecidas. Dentre elas, destacamos aqui as construções bitransitivas, como o exemplo (41) a seguir:

(41) Mary gave a book to John.

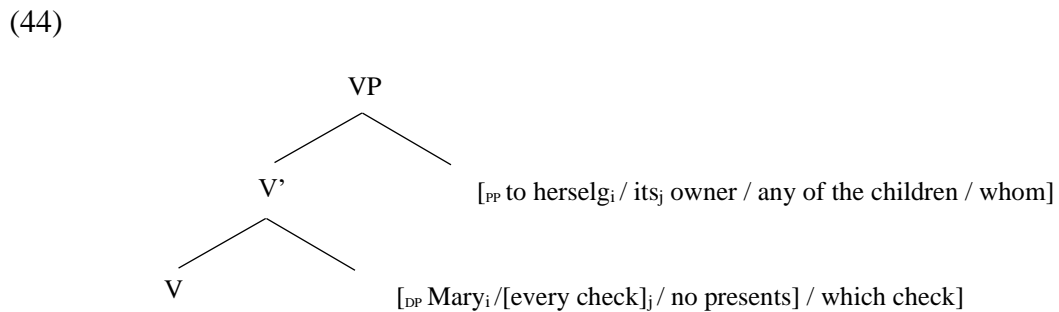
‘Maria deu o livro para o João’.

Inicialmente, a representação arbórea dessa estrutura poderia ser a seguinte:



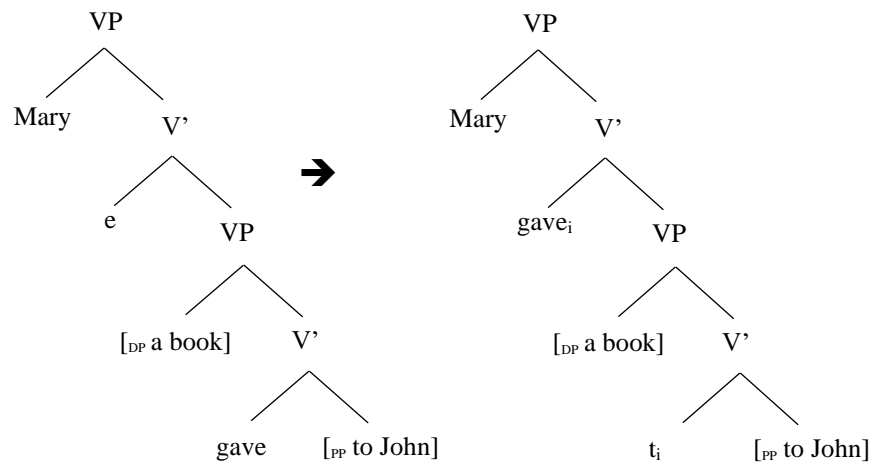
Nessa estrutura, o argumento externo é gerado em Spec,VP e os argumentos internos nas posições mais baixas de V. No entanto, essa estrutura não parece ser adequada, se considerarmos as seguintes construções:

- (43) a. I presented/showed Mary to herself
 ‘Eu apresentei/mostrei Mary para si mesma’
- b. *I presented/showed herself to Mary
 ‘Eu apresentei/mostrei si mesma para Mary’



Conforme observado por Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 93), o pronome reflexivo *herself* deve ser c-comandado¹³ por *Mary*, de acordo com o Princípio A da Teoria de Ligação.¹⁴ Dessa maneira, surgem as primeiras teorias que propõem “conchas verbais”. Larson (1988) propõe que orações bitransitivas são formadas por duas projeções VP, sendo uma delas nucleada pelo verbo lexical e outra por uma categoria vazia. O verbo lexical é então movido para a posição mais alta, antes ocupada pela categoria vazia, conforme ilustrado a seguir:

(45)



¹³ C-comando: α c-comanda β , se e somente se todo o nó ramificante que domina α também domina β (CHOMSKY, 1981)

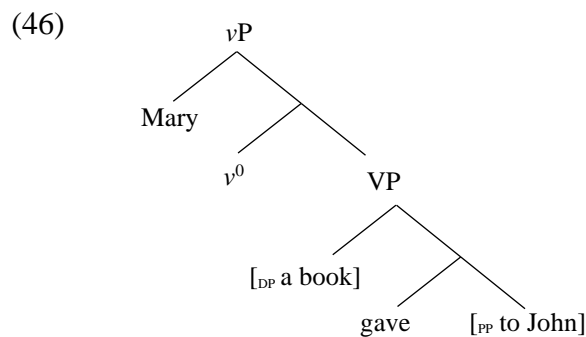
¹⁴ Teoria de Ligação (CHOMSKY, 1981):

Princípio A \rightarrow toda anáfora deve ser ligada a um antecedente local.

Princípio B \rightarrow um pronome não pode ser ligado a um antecedente local.

Princípio C \rightarrow expressões referenciais não podem ser ligadas a um antecedente local.

A partir da ideia de conchas VP e também do trabalho desenvolvido por Hale e Keyser (1993), Chomsky (1995) assume que não apenas as construções bitransitivas, mas, no geral, todas as construções transitivas das línguas são compostas por duas projeções, a saber: vP , uma projeção funcional, nucleada por um verbo leve e nulo v^0 e que introduz o argumento externo da sentença; e VP, nucleada pelo verbo lexical, cujo complemento é o argumento interno da oração. No caso de orações bitransitivas, o argumento tema ocupa a posição de Spec,VP e o argumento alvo, a posição sintática de complemento de VP, conforme delineado na representação a seguir:



A partir da ideia de concha v-VP, outros autores desenvolveram diferentes propostas teóricas para a estrutura da argumentação das sentenças, inclusive para a análise de construções causativas. Nesta dissertação, assumiremos a ideia das projeções VoiceP e CauseP, tal como propostas por

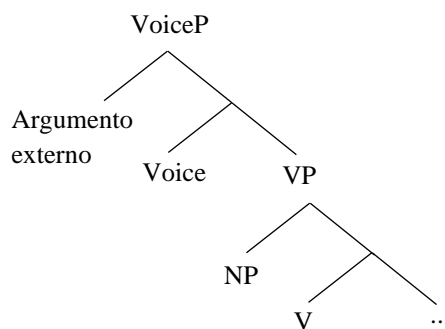
Kratzer (1996) e Pylkkänen (2008). Nas próximas seções, objetivo é apresentar as principais características de cada uma dessas propostas.

4.4 A proposta do Núcleo Voice e o do Núcleo Causativo

A partir da proposta da concha v-VP, inicialmente discutido por Larson (1988) e por Hale e Kayser (1993), Kratzer (1996, p. 116) explicita a ideia de que os chamados argumentos externos não são verdadeiros argumentos dos verbos, mas sim de uma projeção funcional específica. Para ela, eles não seriam introduzidos pelo VP, mas sim composicionalmente pelo predicado por meio de um núcleo Voice⁰.

Para a autora, o núcleo que introduz o argumento externo é chamado de *Voice*, que é projetado acima do predicado, ou seja, acima de VP. A função do núcleo de *VoiceP* é, portanto, introduzir o argumento externo que apresenta as propriedades semânticas que são típicas do agente. Nesse sentido, ele constitui um nível sintático-semântico acima do VP. Segundo Kratzer (1996), esse núcleo pode ainda atribuir Caso acusativo ao argumento interno. A estrutura sintática a seguir atualiza o esqueleto do vP com o acréscimo de *Voice* ao inventário de categorias funcionais no âmbito da estrutura argumental de verbos transitivos causativos.

(47)



Apesar de Kratzer (1996, p. 131) afirmar que a noção de argumento externo se esvai com a aceção de Voice, esse termo continua sendo utilizado para designar o agente da sentença, por questões didáticas, mas não teóricas. É preciso ressaltar ainda que na proposta original de Kratzer, não há uma projeção *vP*, apenas VoiceP. Contudo, há propostas mais recentes que argumentam a favor da cisão entre essas duas categorias, como é o caso de Legate (2014). Nessa dissertação, porém, adotaremos apenas a projeção VoiceP, acompanhando o essencial da proposta de Kratzer (1996).

Como os verbos causativos parecem introduzir um argumento causador à sentença, é possível considerar que o elemento causativo desses verbos seja responsável por introduzir um argumento externo à estrutura, aumentando a valência do evento original. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (48) The dog walked.
'O cachorro andou'.
- (49) John walked the dog.
'John andou o cachorro'.

Nos exemplos acima, a causativização do verbo '*walk*' parece introduzir o argumento externo John, aumentando a valência do verbo. Contudo, Pytkänen (2008) chama a atenção, porém, para o fato de que a causativização nem sempre aumenta o número de argumentos sintáticos do verbo. Para a autora, o que distingue os verbos causativos de seus correspondentes não-causativos é que as estruturas causativas licenciam um argumento eventivo sintaticamente implícito, que vai além de causar eventos.

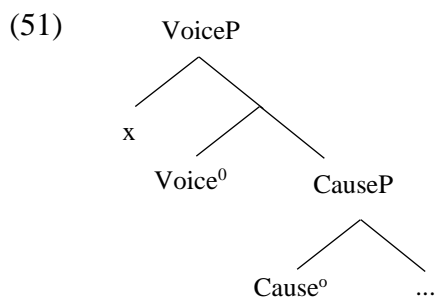
A partir dessa observação, Pytkänen (2008) propõe a existência de uma projeção funcional, que é o sítio da leitura causativa da sentença, chamada de CauseP. Ela afirma ainda que agentes causadores não são introduzidos pelo núcleo Cause⁰. Na verdade, eles são introduzidos pela combinação desse núcleo com *Voice*. Ou seja, o elemento com o verdadeiro significado causativo, realizado pelo núcleo Causativo, não introduz nenhum argumento sintático, mas sim um argumento de evento implícito.

A autora encontra a justificativa para essa proposta com base nos dois tipos de causativas encontradas no Japonês, a saber: causativas lexicais e causativas produtivas. Ambos os tipos de causativas no Japonês são realizadas

pelo sufixo {-sase}, porém, as causativas lexicais são associadas a uma interpretação adversativa. Nesse tipo de estrutura, o argumento nominativo é interpretado não com um causador, mas como um argumento afetado pelo evento descrito pelo verbo não causativo, conforme o exemplo em (50):

- (50) Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta.
 Taro-NOM son-ACC die-CAUSE-PAST.
 a. ‘Taro causou que seu filho morresse.’
 b. ‘O filho de Taro morreu em seus braços.’ (causativa adversativa)

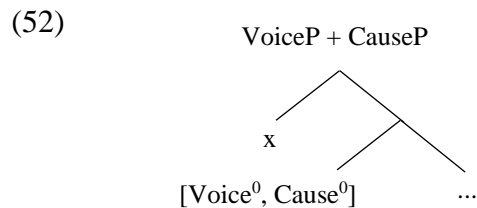
A leitura em (50)b), então comprova a existência de um evento causativo sem nenhum tipo de participante causador relacionado a ele. Nessa linha de investigação, a estrutura abstrata de uma sentença causativa delineada em Pylkkänen (2008, p. 99) apresente a configuração a seguir:



Pylkkänen (2008) discute, no entanto, que em algumas línguas, Voice e Cause podem ser projeções sincréticas, ou seja, podem ocorrer em um único

núcleo complexo. Nesses casos, poder-se-ia dizer que Cause⁰ introduziria um novo argumento à sentença, uma vez que ele se realiza juntamente com Voice⁰.

Essa estrutura seria algo como:



Outro aspecto importante sobre a estrutura sintática acima tem a ver com o tamanho do complemento que é selecionado pelo núcleo Cause⁰. Segundo essa proposta, o complemento de Cause pode ser de três diferentes tipos, a saber:

- (i) Cause⁰ pode selecionar uma raiz acategorial ($\sqrt{\quad}$), como em Japonês;
- (ii) Cause⁰ pode selecionar VPs que não possuem argumento externo, como em Bemba;¹⁵

¹⁵ Apesar de afirmar que causativas que selecionam VPs, como as encontradas em Bemba, não possuem argumento externo baixo, encontramos em Pykkänen (2008) sentenças como o dado em (i), repetido a seguir:

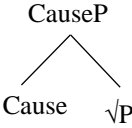
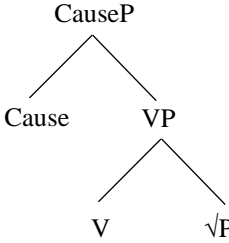
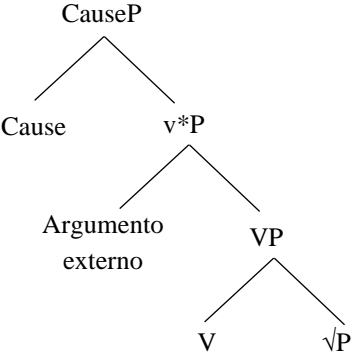
- (i) naa-butwiish-ya Mwape ulubilo.
 1SG.PAST-run-CAUSE mwape fast
 ‘Eu fiz Mwape correr rapidamente.’

É difícil argumentar que sentenças causativas derivadas de verbos inergativos, como o exemplo acima e também como mostraremos em nossos dados do Rhonga, não possuem um argumento externo baixo. Assim, assumiremos que a distinção entre em as causativas (ii) e (iii) está no estatuto fásico do vP, complemento de Cause⁰. Retomaremos essa discussão na Seção 5.3.

- (iii) Cause⁰ pode selecionar um v*P fásico,¹⁶ que contém um argumento externo, como em Venda e Luganda.

Cada um desses complementos está ilustrado no Quadro 10:

Quadro 10. Complementos no núcleo de CauseP

Cause ⁰ + √	Cause ⁰ + VP	Cause ⁰ + v*P
Ex.: Japonês	Ex.: Bemba	Ex.: Venda e Luganda
 <pre> graph TD CauseP --> Cause CauseP --> sqrtP[√P] </pre>	 <pre> graph TD CauseP --> Cause CauseP --> VP VP --> V VP --> sqrtP[√P] </pre>	 <pre> graph TD CauseP --> Cause CauseP --> vstarP[v*P] vstarP --> Arg[Argumento externo] vstarP --> VP VP --> V VP --> sqrtP[√P] </pre>

Pylkkänen (2008) propõe quatro testes sintáticos para a distinção dos diferentes tipos de seleção de Cause⁰. Nesta dissertação, discutirei apenas os

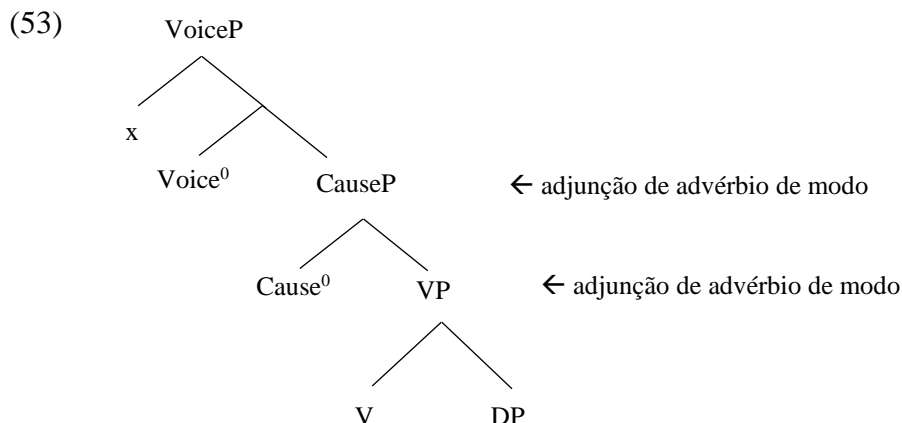
¹⁶ Uma fase, para Chomsky (2005, p. 9-10), consiste em um ciclo de computação mínima. Ou seja, são informações que, após transferidas, não são acessadas em estágios subsequentes de derivação, porque as informações que são formadas em cada fase são enviadas separadamente aos componentes fonético e semântico. Pylkkänen (2008, p. 85), por sua vez, denomina fase como os domínios que possuem um núcleo introdutor de argumento externo, tal como Voice.

testes relacionados a escopo de advérbios, já que eles serão suficientes para determinarmos o tamanho do complemento do núcleo Cause^o em Xirhonga.¹⁷

O primeiro teste que aplicaremos diz respeito ao escopo de advérbios de modo em construções causativas. O teste com advérbios de modo é eficiente para atestar qual é o tamanho do complemento de Cause^o, porque esses elementos devem estar, necessariamente, adjungidos a um VP. Dessa maneira, se houver um VP ou um v*P fásico em uma posição abaixo de CauseP, provavelmente essa sentença será ambígua ou terá escopo baixo, pois serão dois os lugares passíveis de receberem um advérbio de modo, conforme demonstra a estrutura em (53):

¹⁷ Os outros dois testes propostos por Pytkäinen (2008) buscam verificar a possibilidade de morfologia interveniente entre Cause^o e a raiz e a presença de morfologia de aplicativo alto entre Cause^o e a Raiz. Não foi possível encontrar dados como esses, sendo todos eles agramaticais. Podemos justificar essa impossibilidade porque, de acordo com Langa (2012), a ordem causativa-aplicativa é obrigatória em línguas Bantu. Segundo o autor, a estrutura verbal é morfologicamente rígida, seguindo os princípios de Hyman (2003), de forma que a ordem morfológica sempre será Causativa > Aplicativa > Recíproca > Passiva.

- | | | | | |
|-------|---------------------------------------|-----------------------------|----------|--------|
| (ii) | wanuna | a-w-is-i | nhlampfi | |
| | homem | 3SG-cair-CAUS-PAST | 9-peixe | |
| | 'o homem derrubou o peixe' | | | |
| (iii) | wanuna | a-mu-w-is-el-i | nhlampfi | mamana |
| | homem | 3SG-3MO-cair-CAUS-APPL-PAST | 9-peixe | mãe |
| | 'o homem derrubou o peixe para a mãe' | | | |
| (iv) | *wanuna | a-mu-w-el-is-i | nhlampfi | mamana |
| | homem | 3SG-3MO-cair-APPL-CAUS-PAST | 9-peixe | mãe |
| | 'o homem derrubou o peixe para a mãe' | | | |

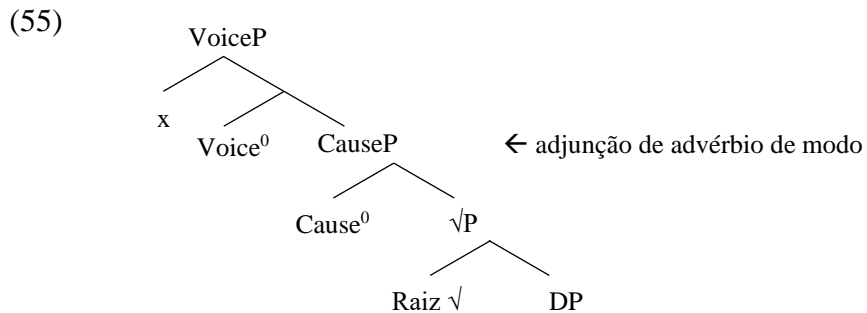


Um complemento de CauseP tal como uma \sqrt{P}^{18} só possui uma posição sintática capaz de receber um advérbio de modo e, por isso, não é ambígua, de forma que o evento causado não pode ser modificado separadamente. Essa questão pode ser percebida pelos exemplos do Japonês. Essa língua apresenta dois tipos de causativas, as chamadas lexicais e as chamadas produtivas. As primeiras podem ser interpretadas com o sentido de adversidade. Os dados desse tipo de causativa podem exemplificar as estruturas que selecionam como complemento de Cause uma raiz, já que os advérbios de modo não podem modificar apenas o evento causado:

¹⁸ Neste trabalho não entraremos na discussão a respeito da estrutura interna de uma raiz, mas há trabalhos que assumem que raízes podem ter um complemento. Ver Harley (2008, p. 34).

- (54) Taroo-ga musuko-o sizukani sin-ase-ta.
 Taro-nom son-acc quietly die-cause-past.
 a. 'Taro fez seu filho morrer em silêncio.'
 b. * 'Algo fez o filho de Taro morrer silenciosamente e Taro foi afetado.'
 (adversidade)

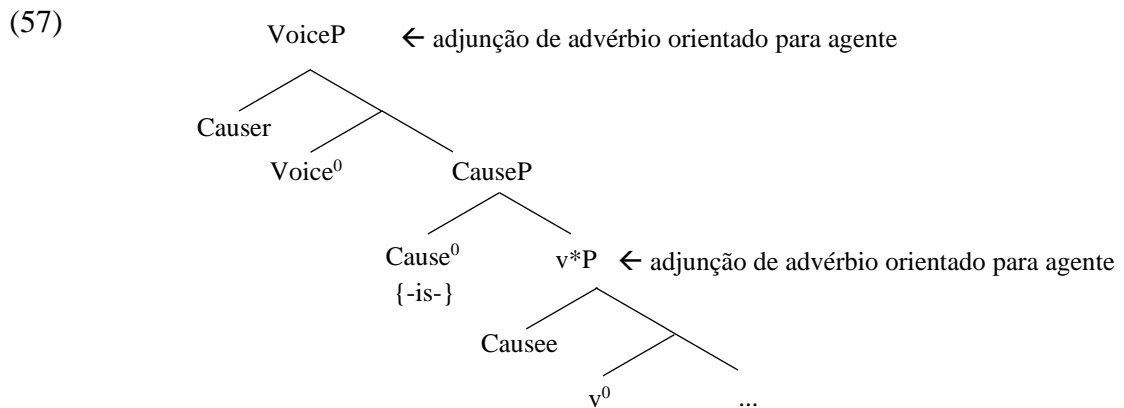
Uma sentença como a apresentada acima não pode ter a interpretação de que o advérbio de modo tenha escopo apenas sobre o evento causado, ou seja, morrer. Por esse motivo, a proposta é que a estrutura abstrata de uma construção como essa seja algo como a apresentada em (55):



Os dados da língua Bemba exemplificam estruturas nas quais Cause⁰ seleciona um VP como seu complemento. Os testes demonstram que é possível que haja modificação por advérbios de modo apenas do evento causado, conforme os dados de Givón (1976, p. 343).

- (56) naa-butwiish-ya Mwape ulubilo.
 1SG.PAST-run-CAUS Mwape fast
 a. ‘Eu fiz Mwape correr rapidamente.’
 b. *‘Eu rapidamente fiz Mwape correr.’

Já os testes com advérbios orientados para agente são relevantes porque, por meio deles, é possível atestar se o núcleo $Cause^0$ seleciona um v^*P fásico com argumento externo. Se houver, a presença de um advérbio orientado para agente gerará uma leitura ambígua, porque serão duas as posições sintáticas capazes de receber esses modificadores (PYLKKÄNEN, 2008).



Os dados do Bemba mostram as estruturas que não permitem a interpretação do advérbio orientado para agente abaixo de CauseP, o que indica que o complemento de Cause⁰ não é um v*P fásico, conforme os exemplos de Givón (1976, p. 329):

- (58) naa-mu-fuund-ishya uku-laanda iciBemba ku-mufulo.
 1SG.PAST-him-learn-CAUS to-speak Bemba on-purpose
 a. ‘Eu, de propósito, o fiz aprender a falar Bemba.’
 b. *‘Eu o fiz de propósito aprender a falar Bemba.’
- (59) naa-butwiish-ya umuana ukwiitemenwa.
 2SG.PAST-run-CAUS boy willingly
 a. *‘Eu fiz o menino correr de boa vontade.’
 b. ‘Eu voluntariamente fiz o garoto correr.’

Por outro lado, Venda e Luganda são duas línguas que exemplificam as causativas que selecionam um v*P fásico como complemento de Cause⁰, uma vez que permitem escopo baixo de advérbios orientados para agente, conforme os exemplos em (60) e (61):

- (60) *Venda*
 Muuhambadzi o-reng-is-a
 salesman 3SG.PAST-buy-CAUSE-FV
- Katonga mod‘oro nga dzangalelo.
 Katonga car with enthusiasm.
 ‘O vendedor fez Katonga comprar o carro ansiosamente.’

- (61) *Luganda*
 Omusomesa ya-wandi-s-a
 teacher 3SG.PAST-write-CAUSE-FV
- Katonga ne obu nyikivu.
 Katonga with the dedication.
 ‘O professor fez Katonga escrever com dedicação.’

Nesses exemplos, o advérbio pode tanto ter escopo sobre Muuhambadzi em (60) e Omusomesa em (61), quanto sobre Katonga em ambas as sentenças, o que indica que o complemento de Cause⁰ é um v*P fásico com argumento externo capaz de ser modificado por advérbio orientado para agente.

Em suma, os testes propostos sobre o escopo de advérbios são retomados no quadro a seguir:

Quadro 11. Testes para verificar o tipo de complemento de Cause⁰

	Cause ⁰ + Raiz	Cause ⁰ + VP	Cause ⁰ + v*P fásico
É possível que o advérbio de modo modifique apenas o evento causado?	Não	Sim	Sim
É possível que o advérbio orientado para agente modifique o causee?	Não	Não	Sim

A partir do quadro teórico apresentado neste capítulo, é possível retomarmos as perguntas de pesquisa apresentadas na introdução desta Dissertação:

- i) qual a estrutura sintática das construções causativas na língua Rhonga?
- ii) qual a função do morfema causativo {-is-}?
- iii) é possível motivarmos a presença da projeção CauseP nessa língua?
- iv) em caso afirmativo, qual(is) o(s) tipo(s) de complemento que CauseP pode selecionar?

Assim sendo, o objetivo no próximo capítulo será encontrar uma resposta unificada para as questões teóricas levantadas acima, de modo delimitarmos o tamanho do complemento do núcleo Cause^o.

4.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo nos dedicamos a apresentar as diversas perspectivas a respeito de estruturas causativas presentes na literatura, a fim de que entendamos qual é o estatuto dessa extensão verbal. A sentença causativa é aquela que perpassa a ideia de causa, causação ou causalidade. Estão envolvidos nessa

estrutura dois eventos: um evento que codifica a causa de uma mudança de estado, e um evento de codifica a mudança de estado por si só.

Essas estruturas podem ser de três tipos, a saber: analíticas, em que há dois predicados distintos; lexicais, em que a relação entre causa e efeito é realizado por um único lexema; ou morfológicas, em que a produtividade da leitura causativa é codificada por um morfema.

Na perspectiva funcionalista, os três tipos de estruturas acima se diferenciam no que diz respeito à distância conceitual entre elas em relação à distância linguística entre as informações. Isso quer dizer que as causativas analíticas, compostas por dois predicados, maior em material fônico, codificaria uma causação mais distante, mais indireta. Uma causativa lexical, menor em material fônico, indicaria uma distância menor entre a causa e o efeito. Contudo, não assumiremos essa perspectiva, mas sim embasaremos nossa análise no quadro teórico gerativo, que argumenta que essas distinções são derivadas de diferentes estruturas sintáticas subjacentes, hierárquicas e não-lineares.

A partir da ideia de concha v-VP, analisamos as construções causativas. Assumimos as projeções VoiceP e CauseP, tal como propostas por Kratzer (1996) e Pylkkänen (2008), respectivamente. VoiceP é a projeção funcional projetada acima de um VP, com a função de introduzir o argumento externo da

sentença, com propriedades semânticas típicas de agente. CauseP, por sua vez, é a projeção funcional responsável pela leitura causativa da sentença.

Pylkkanen (2008) propõe que o núcleo Cause^o pode selecionar como complemento diferentes estruturas, a saber: uma raiz acategorial, um VP sem argumento externo e um v*P fásico com argumento externo. Para atestar a diferença entre cada um deles, a autora propõe os testes sintáticos de advérbios de modo e de advérbios orientados para agente, os quais aplicamos nos nossos dados de Xirhonga.

O teste com advérbio de modo é eficiente na medida em que possibilita verificar se o complemento de Cause^o é maior do que uma raiz. Isso porque um advérbio de modo só pode se adjungir a um VP. Caso o complemento de Cause^o seja um VP ou um v*P fásico, o advérbio de modo poderá se atachar em mais de uma posição, resultando em mais de um sentido possível, dependendo da posição em que o AdvP estiver. Não é possível dizer o mesmo de quando o complemento é uma raiz, uma vez que haverá apenas uma posição possível de adjunção do AdvP, que modificará o único VP da sentença, havendo um único sentido.

O teste com advérbio orientado para agente, por sua vez, é capaz de indicar se o complemento de Cause^o é um v*P fásico. A justificativa é que o AdvP orientado para agente só pode se atachar a um argumento externo. Quando o complemento de Cause^o é um VP ou uma raiz, há apenas um argumento externo

capaz de ser modificado pelo AdvP. Já quando o complemento é um v*P fásico, há dois argumentos externos na estrutura, de forma que há duas posições passíveis de receberem o AdvP orientado para agente, possibilitando a ocorrência de mais de um significado.

No próximo capítulo, apresentaremos os dados de sentenças causativas coletados da língua Xirhonga, aos quais aplicamos os testes descritos acima.

CAPÍTULO 5: ESTRUTURAS CAUSATIVAS EM XIRHONGA

Para descrever as estruturas causativas em Rhonga, utilizamos questionários com contextos pragmáticos específicos para prosseguir com o processo de eliciação com os informantes. Para tal, coletamos dados que apresentam a ocorrência das diversas estruturas causativas na língua Rhonga. Sabendo que dificilmente a quantidade de dados necessários para realizar testes seria alcançada em contextos naturais de língua, utilizamos o método de eliciação direta.

Nesses questionários, os informantes traduziram algumas sentenças de português para Xirhonga, julgaram a gramaticalidade de diversas sentenças já em Xirhonga ou ainda escolheram entre opções pré-elaboradas as construções que melhor corresponderam ao contexto fornecido. Para esta dissertação, selecionamos principalmente os dados que continham a interpretação semântica de causação e/ou que apresentavam o morfema causativo {-is-}. Na seção seguinte, apresentaremos mais detidamente o percurso metodológico que seguimos.

5.1 Metodologia

Para a elaboração do trabalho, pautamo-nos em um objetivo descritivo, com o intuito de retratar as características gramaticais das sentenças causativas na língua Rhonga. Deparamo-nos, então, com a necessidade de realizar testes com dados que pudessem explicar a descrição do fenômeno, determinando a relação causa-efeito das sentenças.

Os procedimentos metodológicos se dividiram em duas partes: em um primeiro momento, realizamos a descrição das questões linguísticas e gramaticais, tanto do contexto geral das línguas Bantu e Moçambicanas, quanto especificamente da língua Rhonga, por meio de pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados de gramáticas, livros e artigos científicos.

Em um segundo momento, procuramos realizar a descrição do tema principal do trabalho, ou seja, sentenças causativas em Xirhonga. Para tanto, realizamos um levantamento de dados com informantes moçambicanos, por meio de questionários e eliciação direta. A seguir, explicaremos melhor esse processo metodológico.

Os dados foram coletados com dois informantes homens, ambos professores de Xirhonga, com conhecimento acadêmico da gramática da língua. Um deles, nascido na cidade de Maputo, é nativo da língua, enquanto o outro,

nascido em Boane, adquiriu-a antes dos dez anos de idade. Ambos falam também Português e outras línguas nacionais.

Os questionários foram enviados por e-mail aos informantes, que reencaminhavam o documento com as respectivas respostas, também por e-mail. Em seguida, conversávamos sobre os dados por meio de aplicativo de mensagens. Assim, foi possível um contato mais dinâmico e a solução de dúvidas de maneira mais rápida. Com isso, novos dados acabavam por surgir durante essas conversas.

Inicialmente, pensamos em testes condizentes com aqueles propostos por Pylkkanen (2008). No entanto, atentamo-nos para a possibilidade de que poderia haver ambiguidades contextuais que poderiam prejudicar a coleta de dados. Assim, optamos em um primeiro momento por descrever o contexto e ilustrá-lo. A instrução foi dada por escrito, conforme a Figura 7 a seguir:

Figura 7. Comando dos questionários


A seguir, algumas imagens serão apresentadas. Diferentes contextos serão descritos com base nelas. Imagine os contextos e, a partir deles, traduza as frases para a sua língua.

Se alguma tradução ficar estranha, ou seja, poucas pessoas falaria dessa forma, sinalize com um sinal de interrogação (?).

Se alguma tradução não for possível, sinalize com um (*).

Depois, apresentávamos uma imagem ilustrativa, normalmente do gênero tirinha humorística e, sem seguida, apresentávamos frases em Português que descreviam o contexto da tirinha. Por fim, pedíamos a tradução dessas frases. A seguir, mostramos como o questionário foi respondido por um dos informantes:

Figura 8. Perguntas do questionário



Contexto 1: O homem ficou com vontade de quebrar o vaso. Por este motivo, ele pegou o martelo e quebrou o vaso. Com base nestes fatos, traduza as frases abaixo:



- (1) O vaso quebrou.' **Vhazu dripandrekile.'**
- (2) O homem quebrou o vaso. **'wanuna apandriile vhazu.'**
- (3) O homem fez o vaso se quebrar. **'Wanuna apandrisi vhazu.'**
- (4) O homem quebrou o vaso de propósito.' **Wanuna apandriile vhazu hi mavomu.'**
- (5) O homem quebrou o vaso com o martelo. **'Wanuna apandriile vhazu hi hamela.'**
- (6) O martelo quebrou o vaso. **'Hamela yipandriile vhazu.'**

Ativar o áudio
Acesse o áudio

Com o objetivo de diferenciar as sentenças que envolviam o advérbio orientado para agente (de propósito), também realizamos testes com contextos de volição. Para tanto, nós apresentamos aos informantes sentenças em Xirhonga e

pedimos que escolhessem as que melhor se encaixavam ao contexto, conforme a imagem a seguir:

Figura 9. Perguntas do questionário

	<p>Maria está tendo problemas com o seu telefone e, em um momento de raiva, ela resolve arremessar o aparelho no chão, que se quebra. Como se diz em Xirhonga da melhor maneira:</p> <p>(1) É melhor: Maria apandrile telefone ✓✓✓✓ (2) É melhor: Maria apandrisile telefone (3) As duas podem ser usadas nesse contexto (4) Nenhuma delas pode ser usada nesse contexto.</p> <p>Agora, entre as sentenças abaixo, qual é melhor:</p> <p>(5) Maria apandrile telefone hi mavomu ✓✓✓✓ (6) Maria apandrisile telefone hi mavomu (7) As duas podem ser usadas (8) Nenhuma delas pode ser usada</p>
	<p>José, por sua vez, sem querer deixou o telefone cair no chão. O telefone, então, se quebrou.</p> <p>(9) É melhor: 'José apandrile telefone' ✓✓✓✓ (10) É melhor: 'José apandrisile telefone' (11) As duas podem ser usadas (12) Nenhuma delas pode ser usada.</p>
	<p>Luiz está a andar na rua com seu telefone na mão. Então, Carlos (o boneco azul), esbarra nele. O telefone então escorrega da mão de Luiz, cai no chão e quebra.</p> <p>Como se diz, em Xirhonga, nesse contexto:</p> <p>(1) Carlos fez Luiz quebrar o telefone acidentalmente (em que a ação de Carlos foi acidental) (2) Carlos fez Luiz quebrar o telefone acidentalmente (em que a ação de Luiz foi acidental)</p>
<p>1. Carlos aphazamile apandrisa telefoni Luís. Luís aphazamisiwile hi Carlos apandra telefone.</p>	

Conforme dito, esses dados acabavam sendo discutidos dinamicamente por meio de conversas virtuais. A seguir, está um exemplo de como essa troca de mensagens ocorreu:

Pesquisador: Oi! Como está? Aqui está tudo bem, apesar do calor...
Pesquisador: Você acha que é possível construções como essas:
wanuna awisi nhlampfi (homem fez cair o peixe)
wanuna amuwiseli nhlampfi mamana (homem fez cair o peixe para a mãe)
Informante: É possível sim.
Informante: As três são possíveis sem gerar ambiguidade.
Peço para organizar a escrita: hi kanuna= hi kunana
Pesquisador: Me confundi na escrita. Obrigada pela correção
Pesquisador: E pelas respostas

Os questionários estão disponíveis na seção Apêndices desta dissertação. A seguir, mostraremos os resultados obtidos por meio dos questionários, apresentando quais foram os diferentes tipos de estruturas causativas encontrada em Xirhonga.

5.2 Os diferentes tipos de estruturas causativas em Xirhonga

Conforme apresentado no Capítulo 3, Comrie (1989, p. 166-168) classifica as estruturas causativas em três tipos: (i) causativas analíticas; (ii) causativas morfológicas e (iii) causativas lexicais. Em Xirhonga, conseguimos identificar esses três tipos de construções causativas, e eles serão discutidos mais detidamente a seguir.

- (62) a. João a-tirh-a.
 João 3SG-trabalhar-VF.
 ‘João trabalha’.
- b. Maria a-kucetel-a João kuva a-tirh-a.
 Maria 3SG-instigar-VF João que 3G-trabalhar-VF.
 ‘Maria faz João trabalhar.
 [lit: Maria instiga João para que trabalhe].

Perceba que em (62)a), há um sujeito agente João, que realiza o evento descrito pelo verbo *kuritha* ‘trabalhar’. Por sua vez, há em (62)b) duas orações: uma oração que codifica o evento da causação, composta pelo verbo auxiliar causativo *kukucetela* ‘instigar’, com um sujeito causador Maria (Causer); e uma oração subordinada, que codifica o evento causado, que contém a conjunção *kuva* ‘que’ e o verbo *kutirha* ‘trabalhar’, o qual possui como sujeito o termo João (Causee).

Causativas lexicais também foram identificadas em Xirhonga, como é o caso dos verbos *kufa* ‘morrer’ e *kudlaya* ‘matar’, exemplificados em (63).

- (63) a. nhlampfi yi-f-ile.
 9-peixe 9-morrer-PAST.
 ‘o peixe morreu’
- b. wanuna a-dlay-(i)le nhlampfi.
 homem 3SG-matar-PAST 9.peixe.
 ‘o homem matou o peixe’.

Em (63)a temos o verbo *kufa* ‘morrer’, que tem como sujeito afetado *nhlampfi* ‘peixe’. Repare que o exemplo em (63)b é o referente causativo dessa sentença, que permite que um elemento causador *wanuna* ‘homem’ seja introduzido na estrutura. Em outras palavras, a sentença em (63)b, que tem a tradução ‘o homem matou o peixe’, pode ser lida também com o referente do verbo morrer de (63)a ‘o homem causou que o peixe morresse’. Essa diferenciação é codificada não por duas orações, mas sim pela mudança lexical do verbo e, por isso, a construção em (63)b é chamada de causativa lexical da sentença em (63)a).

Com relação às causativas morfológicas, identificamos sentenças em que o verbo se junta ao morfema de extensão causativa {-is}. No exemplo em (64), a seguir, o verbo transitivo *-xava* ‘comprar’ tem sua valência aumentada ao introduzir um argumento externo agente, conforme demonstram o dado em (64b):¹⁹

¹⁹ Além das causativas morfológicas, identificamos também a existência de morfologia que se assemelha ao que a gramática tradicionalmente chama de morfologia anticausativa. É o caso do morfema {-ek-}, ilustrado a seguir. Deixaremos essa discussão, no entanto, para trabalhos futuros.

- (i) *wanuna* *a-pandr-is-ile* \emptyset - *vhazu*.
 homem 3SG-rachar-CAUS-PAST 5-vaso.
 ‘o homem quebrou o vaso’.
- (ii) \emptyset -*vhazu* *dri-pandr-ek-ile*.
 5-vaso 5-rachar-EST-PAST.
 ‘o vaso quebrou’.

- (64) a n'wana a-xav-a pawa.
 filho 1SG-comprar-VF pão.
 'o filho compra pão'.
- b. Mina ni-xav-is-a n'wana pawa.
 eu 1SG-comprar-CAUS-VF filho pão.
 'eu causei o filho comprar pão'.

Nos exemplos apresentados acima, notamos que a leitura causativa apresentada em (64)b) não é alcançada nem por meio de uma variação lexical do verbo, nem por uma oração encaixada com verbo auxiliar causativo, mas sim por meio de uma causativa morfológica. Assim sendo, a leitura causativa é garantida pela concatenação do morfema {-is-} após o radical verbal. Juntamente com a concatenação do morfema, foi possível que um novo argumento com papel de causador *mina* 'eu' é introduzido na sentença.

Além de construções transitivas com {-is-}, como a apresentada em (64), identificamos também causativizações de sentenças a partir de verbos inacusativos e inergativos, conforme os exemplos (65) e (66), respectivamente:

- (65) a. ma-ti ma-bil-a.
 6-água 6-ferver-VF.
 'a água ferve'.
- b. ni-bil-is-a ma-ti.
 1SG-ferver-CAUS-VF 6-água.
 'eu fervei a água'.

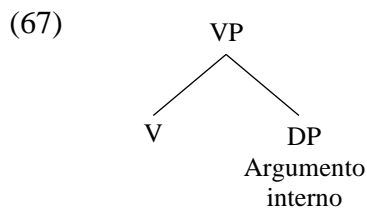
- (66) a. Timeika a-kin-i.
 Timeika 3SG-dançar-PAST.
 ‘Timeira dançou’.
- b. Frederico a-kin-**is**-i. Timeika.
 Frederico 3SG-dançar-CAUS-PAST Timeika.
 ‘Frederico fez dançar Timeika’.

Em (65)a), notamos uma sentença composta por um verbo inacusativo *kubila* ‘fever’ e seu argumento interno afetado *mati* ‘água’. O referente causativo dessa sentença (65)b) é possível por meio da concatenação do morfema {-is-}, que introduz um causador marcado morfologicamente por {ni-}, 1ª pessoa do singular. Já no dado em (66)a), temos uma sentença composta por um verbo inergativo *kukina* ‘dançar’, que seleciona como seu complemento um argumento externo agente Timeika. O seu referente causativo, em (66)b), é realizado pela concatenação do morfema {-is-}, e também permite a introdução de um argumento causador Frederico.

Tendo em conta que os verbos transitivos, inacusativos e inergativos possuem estruturas sintáticas distintas, buscaremos investigar o tamanho do complemento do núcleo Cause⁰ de cada uma das estruturas que são causativas de verbos transitivos, inergativos e inacusativos. Para tal, será necessário, aplicar os testes propostos por Pylkkänen (2008), discutidos no capítulo anterior.

5.3 Causativas morfológicas a partir de verbos inacusativos

Verbos inacusativos são aqueles que selecionam como complemento um argumento interno, que pode ter papel temático de tema ou paciente, conforme a estrutura abstrata apresentada em (67):



Realizamos alguns testes com os verbos *kuwa* ‘cair’ e *kunyamalala* ‘desaparecer’ para diagnosticar se esses verbos podem ser causativizados ou não em Xirhonga, conforme os exemplos a seguir:

(68) nhlampfi yi-w-ile.
9-peixe 9-cair-PAST.
‘o peixe caiu’.

(69) yi-ndlu yi-nyamalal-i.
9-casa 9-desaparecer-PAST.
‘a casa desapareceu’.

É possível observar que esses verbos podem também figurar em sentenças causativa, de acordo com os dados em (70) e (71):

- (70) wanuna a-w-**is**-i nhlampfi.
 homem 3sg-cair-CAUS-PAST peixe.
 ‘o homem derrubou o peixe’.
- (71) xidredre xi-nyamalal-is-i yindlu.
 7-tempestade 7-desaparecer-CAUS-PAST 9-casa.
 ‘a tempestade fez desaparecer a casa’.

A sentenças em (70) e (71) são sentenças causativas em que um elemento (*wanuna* ‘homem’ e *xidredre* ‘tempestade’) causa que outro elemento sofra a ação desencadeada pelo verbo (*peixe cair* e *casa desaparecer*). Observa-se que, nesses casos, quando há a adição de um elemento causador na estrutura, a realização morfológica da extensão causativa {-is-} é obrigatória.²⁰ Isso nos indica que, além da introdução da semântica de causação na sentença, a presença do morfema {-is-} também licencia a introdução de um novo argumento.²¹ A ausência desse morfema torna a sentença agramatical:

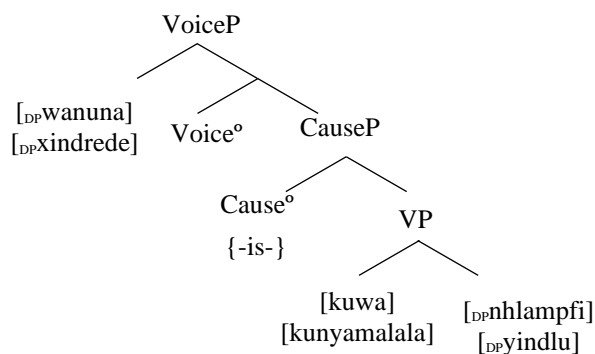
- (72) *wanuna a-w-i nhlampfi.
 homem 3SG-cair-PAST 9.peixe.
 ‘o homem caiu o peixe’.
- (73) *xidredre xi-nyamalal-i yindlu.
 7-tempestade 7-desaparecer-PAST 9-casa.
 ‘a tempestade desapareceu a casa’.

²⁰ É interessante observarmos também que o argumento adicionado, ocupando a posição de argumento externo nessas estruturas, pode ter papel temático de agente (70) ou de causa (71). Conforme mostraremos nas seções 5.4. e 5.5, a introdução de um argumento com papel temático de causa também é possível em causativizações de inergativos e de transitivos. Contudo, a discussão sobre a grade temática de orações causativas em Rhonga foge do escopo dessa dissertação. Deixamos, assim, essa questão para estudos futuros.

²¹ Afirmar que {-is-} aumenta a valência da construção causativa não significa que esse argumento é introduzido pelo núcleo Cause°, conforme já afirmado por Pykkänen (2008).

Inicialmente, poderíamos postular que a representação abstrata dessas estruturas seria como a dada em (74), em que o núcleo Cause^o seleciona um VP, conforme delineado a seguir:

(74) Estrutura da causativização de verbos inacusativos (a ser reformulada):



Todavia, a partir dos testes realizados, notamos que algumas restrições são apresentadas a esse tipo de complemento, o que sinaliza que a estrutura proposta em (74) não está correta. Sendo assim, para atestar qual é de fato a estrutura sintática abstrata do complemento do núcleo de CauseP em estruturas causativas a partir de verbos inacusativos, aplicamos os testes de advérbios de modo orientado a VP,

Sabendo que todas as estruturas causativas são bieventivas, ou seja, compostas por dois eventos (um evento da causação e um evento causado), procuramos averiguar, inicialmente, se há a possibilidade de ocorrer modificação verbal desses dois eventos separadamente, ou seja, se a adjunção de um advérbio

Tal evidência empírica nos permite lançar a hipótese de que o núcleo Cause⁰ seleciona necessariamente um complemento raiz nas sentenças causativas morfológicas geradas a partir de verbos inacusativos. A não possibilidade de modificação do evento causado por meio de advérbio de modo nos serve, assim, de forte diagnóstico a favor da hipótese de que não há uma estrutura VP ou v*P fásico como complemento do núcleo Cause⁰.

Outra evidência a favor dessa hipótese advém de os advérbios orientados para agente. Nesses contextos, o advérbio só pode ter escopo orientado ao argumento externo agente, conforme fica evidente pelos dados a seguir:

(78) wanuna a-w-is-i nhlampfi **hi mavomu.**
 homem 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe **de propósito.**
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] o peixe cair’.
 *‘o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]’.

(79) wanuna **hi mavomu** a-w-is-i nhlampfi.
 homem **de propósito** 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe.
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] o peixe cair’.
 *‘o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]’.

(80) **hi mavomu** wanuna a-w-is-i nhlampfi.
de propósito homem 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe.
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] o peixe cair’.
 *‘o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]’.

Conforme mostram os dados acima, o advérbio *hi mavomu* ‘de propósito’ pode ocorrer em várias posições nas sentenças causativas, visto que pode vir

antes do sujeito, entre o sujeito e o verbo e ainda após o objeto. Outra constatação é a de que esse advérbio pode única e exclusivamente ter escopo sobre o sujeito da sentença *wanuna* 'homem'.

Observando que o advérbio orientado para agente poderia não ter escopo sobre *nhlampfi* 'peixe' por uma possível interação com o traço [+humano], refizemos os testes trocando o objeto por *ntrongwane* 'criança', e repetimos os testes com *hi mavomu* 'de propósito'. Ainda assim, a mudança na posição do advérbio não interferiu na interpretação da sentença, que permaneceu sempre a mesma, sendo o escopo de *hi mavomu* 'de propósito' sempre sobre *wanuna* 'homem'.

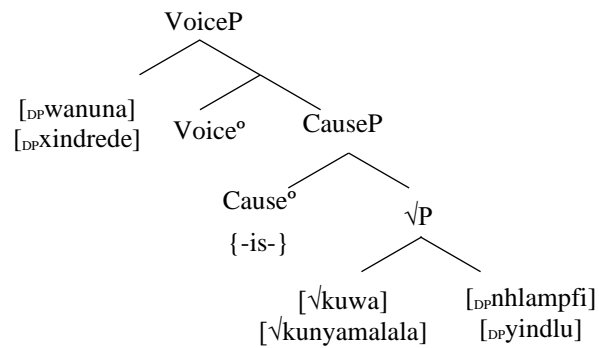
- (81) wanuna a-w-is-i ntrongwane.
 homem 3SG-cair-CAUS-PAST 1-criança
 'o homem fez cair a criança'.
- (82) **hi mavomu** wanuna a-w-is-i ntrongwane.
de propósito homem 3SG-cair-CAUS-PAST 1-criança
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.
 *'o homem fez a criança [cair DE PROPÓSITO]'.
- (83) wanuna **hi mavomu** a-w-is-i ntrongwane.
 homem **de propósito** 3SG-cair-CAUS-PAST 1-criança
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.
 *'o homem fez a criança [cair DE PROPÓSITO]'.
- (84) wanuna a-w-is-i **hi mavomu** ntrongwane.
 homem 3SG-cair-CAUS-PAST **de propósito** 1-criança
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.
 *'o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]'.

- (85) wanuna a-w-is-i ntrongwane. **hi mavomu.**
 homem 3SG-cair-CAUS-PAST 1-criança **de propósito.**
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair’.
 *‘o homem fez a criança [cair DE PROPÓSITO]’.

Tal evidência empírica demonstra que há apenas um núcleo funcional que introduz um argumento do tipo agente, ao qual o advérbio *hi mavomu* pode se atachar. Tendo por base essa evidência, assumirei que, nesse caso, é o núcleo de Voice que introduz o argumento externo do evento de causação. Dessa forma, rejeitamos a análise de que o núcleo Cause dessas construções toma como complemento um v^*P fásico.

Diante disso, a justificativa apresentada por Pylkkänen (2008), retomada também por Blanco (2011), é de que os núcleos de CauseP em sentenças causativas com base em estruturas verbais inacusativas selecionam como complemento não um VP, mas sim uma projeção formada a partir de uma raiz acategorial \sqrt{P} . A derivação sintática a seguir busca mostrar a estrutura abstrata das causativas morfológicas a partir de verbos inacusativos.

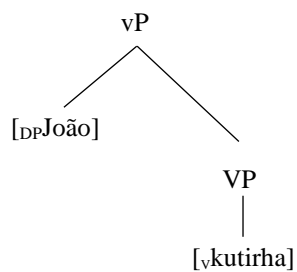
(86) Estrutura da causativização de verbos inacusativos:



5.4 Causativas morfológicas a partir de verbos inergativos

Assim como os verbos inacusativos, os verbos inergativos também o podem ser causativizados por meio da extensão causativa {-is}. A diferença principal entre eles está no fato de que em vez de um argumento interno, os verbos inergativos selecionam apenas um argumento externo que em geral apresenta a propriedade semântica de agente.

(87)



Tomando por base a estrutura acima, interessa-nos agora averiguar se o núcleo Cause^o de verbos inergativos causativizados possuem ou não a mesma representação sintática dos inacusativos causativizados. A nossa proposta é a de que há sim diferença, ou seja, o núcleo Cause de inergativos não selecionam um complemento raiz, mas uma estrutura do tamanho de um VP.

Utilizamos como teste a sentença com o verbo inergativo *kutirha* ‘trabalhar’, em (88), que seleciona um argumento externo agente *João* como seu complemento.

- (88) João w-atirh-a.
 João 3SG-trabalhar-VF.
 ‘João trabalha’.

O verbo *kutirha* pode ser causativizado a partir da adição de um argumento na estrutura, concomitante com a presença do morfema {-is-} no complexo verbal. Exemplos são fornecidos a seguir:

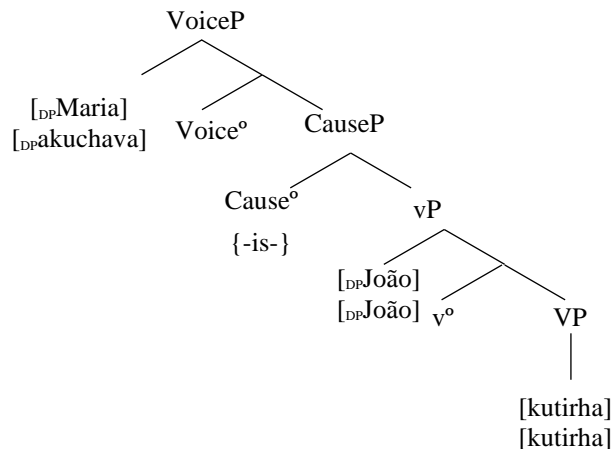
- (89) Maria a-tirh-is-i João.
 Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.
 ‘Maria fez João trabalhar’.
- (90) aku-chava ku-tirh-is-i João.
 15-medo 15-trabalhar-CAUS-PAST João.
 ‘O medo fez João trabalhar’.

A concatenação do morfema {-is-} nas sentenças acima indica causação, ou seja, os novos argumentos das estruturas, Maria e *akuchava* ‘medo’, passam a ser a causa que desencadeiam o evento representado por João trabalhar. Nota-se que o morfema {-is-} é obrigatório, já que sua ausência gera agramaticalidade, conforme ilustram os dados a seguir:

- | | | |
|-------------------------|--------------------|-------|
| (91) *Maria | a-tirh-i | João. |
| Maria | 3SG-trabalhar-PAST | João. |
| ‘Maria trabalha João’. | | |
| (92) *aku-chava | ku-tirh-i | João. |
| 15-medo | 15-trabalhar-PAST | João. |
| ‘O medo trabalha João’. | | |

Inicialmente, poderíamos postular que a representação abstrata dessas estruturas seria como a dada em (93), semelhante à estrutura comum de um verbo inergativo sendo complemento de um núcleo Cause⁰.

(93) Estrutura da causativização de verbos inergativo (a ser reformulada):



A partir desses dados, testamos o escopo do advérbio de modo posicionado em diferentes níveis da estrutura, a saber: ao final da sentença (94), entre o sujeito e o verbo (95), e no início da sentença (96). Observem-se os dados em (94), (95) e (96):

- (94) Maria a-tirh-is-i João **hi kunana.**
 Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João **lentamente.**
 ?‘Maria [fez LENTAMENTE] João trabalhar’.
 ‘Maria fez João [trabalhar LENTAMENTE]’.
- (95) Maria **hi kunana** a-tirh-is-i João.
 Maria **lentamente** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.
 ‘Maria [fez LENTAMENTE] João trabalhar’.
 ?‘Maria fez João [trabalhar LENTAMENTE]’.
- (96) **hi kunana** Maria a-tirh-is-i João.
lentamente Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.
 ‘Maria [fez LENTAMENTE] João trabalhar’.
 ?‘Maria fez João [trabalhar LENTAMENTE]’.

Diferentemente do que ocorreu com o verbo inacusativo *kuwa* ‘cair’, em que o advérbio de modo manteve escopo somente sobre o argumento externo do evento da causação, o advérbio de modo nas sentenças acima possui diferentes leituras de escopo, a depender de sua posição linear na sentença.

No dado em (94), o advérbio *hi kunana* ‘lentamente’ tem escopo apenas sobre o evento causado, ou seja, escopo baixo. Diferentemente, nas sentenças em (95) e (96), o advérbio *hi kunana* ‘lentamente’ tem escopo sobre o evento da causação (escopo alto). O fato de em (94), o advérbio ter escopo sobre o evento causado, demonstra que há alguma estrutura abaixo do núcleo Cause^0 que permite a adjunção de um advérbio de modo. A próxima etapa é testar se essa estrutura é um VP ou um v^*P , nos termos de Pylkkänen (2008).

Outro teste usado para averiguar o tamanho do complemento do núcleo da projeção $\text{Cause}P$ é o escopo de advérbio orientado para agente, como por exemplo o advérbio *hi mavomu* ‘de propósito’. Caso haja ambiguidade, teremos uma estrutura com vP fásico, o que significa que teremos a projeção de argumento externo com a propriedade de agente no complemento de Cause^0 , capaz de ser modificado por um advérbio orientado para agente. Caso essa ambiguidade não seja atestada, o complemento do núcleo não apresentará uma estrutura fásica, mas sim uma estrutura simples com VP. Testamos sentenças com esse advérbio posicionado ao final da estrutura (97), entre o sujeito e o verbo

(98) e na posição inicial da sentença (99). Para tal, comparem-se os exemplos a seguir:

(97) Maria a-tirh-is-i João **hi mavomu.**
 Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João **de propósito.**
 ‘Maria [fez DE PROPÓSITO] João trabalhar’.
 *‘Maria fez João [trabalhar DE PROPÓSITO]’.

(98) Maria **hi mavomu** a-tirh-is-i João.
 Maria **de propósito** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.
 ‘Maria [fez DE PROPÓSITO] João trabalhar’.
 *‘Maria fez João [trabalhar DE PROPÓSITO]’.

(99) **hi mavomu** Maria a-tirh-is-i João.
de propósito Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.
 ‘Maria [fez DE PROPÓSITO] João trabalhar’.
 *‘Maria fez João [trabalhar DE PROPÓSITO]’.

Tendo em conta os exemplos acima, é-nos possível notar que, mesmo com a mudança de posição do advérbio ‘hi mavomu’ orientado para agente, o único escopo possível que esse advérbio mantém é com o argumento externo Maria, o qual é introduzido pelo núcleo Voice da estrutura mais alta.

Observando que a estrutura do verbo inergativo possui um argumento externo (João) e, quando causativizada, um novo argumento externo é adicionado à sua representação (Maria), é necessário explicar o motivo pelo qual o advérbio orientado para agente possui escopo sobre o argumento externo mais alto na estrutura. Ou seja, é impossível que o advérbio seja concatenado abaixo de Cause⁰.

Pylkkänen (2008, p. 115, 116) argumenta que as estruturas inergativas causativizadas em línguas como no Bemba e no Finlandês possuem um núcleo Cause⁰ que selecionam como complemento um VP.²² A autora mostra que, nessas construções, os advérbios de modo podem ter escopo sobre o evento causado, já que estes se adjungem a VP. Contudo, o advérbio orientado para agente só pode ter escopo acima de Cause⁰, ou seja, sobre o evento de causação. É exatamente este comportamento que observamos nos dados do Xirhonga nas causativas de verbos inergativos.

Evidencia adicional vem da possibilidade de haver a co-ocorrência de advérbios de agente e de modo na mesma sentença. Note que o advérbio orientado para agente *hi mavomu* ‘de propósito’ pode ter escopo sobre o argumento mais alto, mas não sobre o argumento causee. Em contrapartida, o advérbio de modo *hi kunana* ‘lentamente’, quando ocupa a posição final da sentença, possui escopo sobre o argumento mais baixo, conforme mostra o exemplo em (100):

(100) Maria **hi mavomu** a-tirh-is-i
 Maria **de propósito** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST

João **hi kunana.**

João **lentamente.**

‘Maria de propósito fez João trabalhar lentamente’.

(escopo do advérbio de propósito sobre Maria e lentamente sobre João).

²² Ver Seção 4.4 desta dissertação.

Ao invertermos a posição dos advérbios na sentença, o advérbio orientado para agente continua tendo somente escopo sobre o argumento que ocupa a posição mais alta na sentença. Já o advérbio de modo passa a ter escopo alto e baixo. A interpretação de escopo alto é confirmada pela interpretação dada à sentença em (101), a seguir:

(101) Maria **hi kunana** a-tirh-is-i
 Maria **lentamente** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST

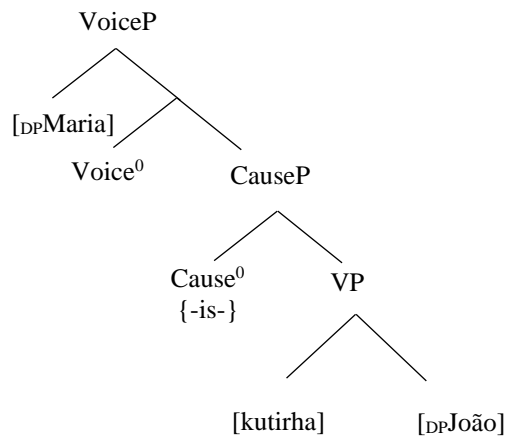
João **hi mavomu.**

João **de propósito.**

‘Maria, lentamente e de propósito, fez João trabalhar’.

Assim, a partir dos testes de escopo de advérbio com interpretação de escopo baixo e alto, propomos que a estrutura abstrata das sentenças causativas, formadas a partir de verbos inergativos, constitui-se de um núcleo Cause^o que seleciona apenas um VP como complemento, conforme a estrutura sintática abstrada proposta em (102) a seguir:

(102)



5.5 Causativas morfológicas a partir de verbos transitivos

Em relação à causativização de verbos transitivos, é preciso distinguirmos os verbos que já possuem uma leitura causativa, tal como *quebrar*, de verbos não possuem essa leitura, como *comer*. No caso dos verbos que não possuem leitura causativa, {-is} introduz uma leitura de causação e também permite a introdução de um novo argumento na sentença. Além disso, {-is} é obrigatório quando essas orações são causativizadas. Exemplos são fornecidos a seguir:

(103) a. mu-dondri a-ler-i buku.
1-aluno 3SG-ler-PAST livro.
'O aluno leu o livro'.

b. mu-dondris-i a-ler-is-i buku mu-dondr-i.
1-professor-PAST 3SG-ler-CAUS-PAST livro 1-aluno-PAST.
'professor fez o aluno ler o livro'.

- (104) a. mamana a-hlamps-i mpahla
 mãe 3SG-lavar-PAST roupa
 ‘a mãe lavou a roupa’
- b. mamana a-hlamps-**is**-i mpahla n'wana
 mãe 3SG-lavar-CAUS-PAST roupa filho
 ‘a mãe fez o filho lavar a roupa’
- (105) a. n-trongwana a-d-i wusva hinkwadru.
 1-criança 3SG-comer-PAST xima toda
 ‘a criança comeu toda a xima²³’
- b. mamana a-d-**is**-i n-trongwana wusva hinkwadru.
 1-mãe 3SG-comer-CAUS-PAST 1-criança xima toda
 A mãe fez a criança comer toda a xima.
- (106) a. Pedro a-dezenyar-i
 Pedro 3SG-desenhou-PAST
- xi-fanisu xa wansati wa-ke.
 7-retrato GEN 1.mulher 1-POSS.
 ‘Pedro desenhou o retrato da mulher’.
- b. wansati a-dezenyar-**is**-i Pedro
 mulher 3SG-desenhar-CAUS-PAST Pedro
- xifanisu xa wansati wa-ke.
 retrato GEN mulher 1-POSS.
 ‘A mulher fez Pedro desenhar seu retrato.’
- (107) a. mbzana yi-suk-i hi kaya.
 9-cão 9-sair-PAST LOC casa.
 ‘o cão saiu da casa’.
- b. wanuna a-suk-**is**-i mbzana hi kaya.
 homem 3SG-sair-CAUS-past 9-cão LOC casa.
 ‘o homem fez o cão sair da casa’.

²³ Espécie de massa feita com farinha branca de milho, muito usual na alimentação dos moçambicanos.

(108) a. João a-chav-a n-gonyama.
 João 3SG-temer-VF 9-leão
 ‘João teme o leão’

b. n-gonyama yi-chav-**is**-a João.
 9-leão 9-temer-CAUS-VF João
 ‘O leão amedronta (lit. faz temer) João’

Os exemplos apresentados demonstram a produtividade do morfema causativo {-is-}, que pode se juntar a raízes de verbos de diferentes tipos, a saber: verbos de atividade, como em (103) e (104), verbos de *accomplishment*, como (105) e (106), com verbos de *achievement* (107) e com verbos psicológicos (estativos) como em (108).

Com base nessas observações, notamos que o morfema {-is-} é produtivo na medida em que introduz a noção de causação a verbos que não possuem uma leitura causativa em sua forma base. Quanto aos verbos que já possuem uma leitura causativa lexical, nota-se que essas estruturas não possuem o morfema {-is-}. Assim, é possível termos sentenças como (109), em que o verbo *kupandra* ‘quebrar’ aparece em uma sentença transitiva sem o morfema causativo. Contudo, (110) também é possível, em que o verbo é acompanhado do morfema causativo{-is-}.

(109) wanuna a-pandr-i Ø-vhazu.
 homem 3SG-rachar-PAST 5-vaso.
 ‘o homem quebrou o vaso’.

- (110) wanuna a-pandr-**is**-i Ø-vhazu.
 homem 3SG-rachar-CAUS-PAST 5-vaso.
 ‘o homem fez quebrar o vaso’.

No dado apresentado em (109), o verbo transitivo *kupandra* ‘quebrar’ seleciona seu argumento interno, sem que haja o morfema {-is-} na estrutura. A interpretação da sentença é de que o homem é o sujeito agente do evento expresso pelo verbo. De acordo com Cançado (2008, p. 111), o agente é "o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle". Ou seja, a interpretação de (109) é de que *wanuna* ‘homem’ possui agentividade, controle e/ou volição em relação ao evento *kupandra* ‘quebrar’. Por outro lado, a presença do morfema {-is-}, em (110), distancia a participação de *wanuna* ‘homem’, de forma que esse elemento desencadeia o evento de *kupandra* ‘quebrar’, mas não diretamente, sendo então interpretado como uma causa. Para Cançado (2008, p. 111), a causa é o "desencadeador de alguma ação, sem controle". Dessa maneira, *wanuna* ‘homem’ em (110) pode ter quebrado o vaso sem intenção, ou pode também ter feito com que outro elemento (outra pessoa, um instrumento, alguma outra ação) quebrasse o vaso.²⁴

Além de contribuir para a interpretação semântica da sentença, o morfema {-is-} também permite a adição de mais um argumento em sentenças transitivas,

²⁴ Inicialmente, acreditamos que distinção semântica entre (118) e (119) esteja relacionada com a presença do traço [±controle]. Contudo, deixaremos essa questão para análises futuras.

como no exemplo em (111). Conforme esperado, a ausência do morfema nesses contextos é agramatical (112).

- | | | | | |
|-------|---|--|-----------------|---------------------|
| (111) | n'wana
filho
'o filho fez o homem quebrar o vaso'. | a-pandr- is -i
3SG-quebrar-CAUS-PAST | wanuna
homem | Ø-vhazu.
5-vaso. |
| (112) | *n'wana
filho
'o filho fez o homem quebrar o vaso'. | a-pandr-i
3SG-quebrar-PAST | wanuna
homem | Ø-vhazu.
5-vaso. |

Com o objetivo de atestar qual é o tamanho do complemento que o núcleo Cause⁰ seleciona em construções transitivas em que há o morfema {-is-}, realizamos os testes com advérbios orientados para agente e os testes com advérbios de modo com modificação abaixo de VP. Comparem-se os exemplos com o advérbio de modo *hi kunana* 'lentamente' em (113)-(117), a seguir:

- | | | | |
|-------|---|---|-----------------|
| (113) | n'wana
filho | a-pandr-is-i
3SG-rachar-CAUS-PAST | wanuna
homem |
| | Ø-vhazu
5-vaso | hi kunana.
lentamente. | |
| | *‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.
‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’. | | |

- (114) n'wana a-pandr-is-i wanuna
 filho 3SG-rachar-CAUS-PAST homem
- hi kunana** Ø-vhazu.
lentamente 5-vaso.
 *‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.
 ‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (115) n'wana a-pandr-is-i **hi kunana**
 filho 3SG-rachar-CAUS-PAST lentamente
- wanuna Ø-vhazu.
 homem 5-vaso.
 ‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.
 *‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (116) n'wana **hi kunana** a-pandr-is-i
 filho **lentamente** 3SG-rachar-CAUS-PAST
- wanuna Ø-vhazu.
 homem 5-vaso.
 ‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.
 *‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (117) **hi kunana** n'wana a-pandr-is-i
lentamente filho 3SG-rachar-CAUS-PAST
- wanuna Ø-vhazu.
 homem 5-vaso.
 ‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.
 *‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.

Reparamos que há cinco posições possíveis para a adjunção do advérbio *hi kunana* 'devagar', que são: ao final da sentença (87), entre o causee e o argumento interno (88), imediatamente após o verbo (89), entre o causer e o

verbo (90) e antes do causer (91). Essas posições interferem diretamente na interpretação das sentenças, de forma que em (87) e (88), o evento modificado pelo advérbio é o evento causado, ou seja, o vaso se quebrar, enquanto em (89), (90) e (91) o evento modificado pelo advérbio é o da causação, isto é, o filho causar quebrar.

Esse teste indica, por conseguinte, que o complemento do núcleo Cause⁰ é maior do que uma raiz e maior que um VP, já que há a possibilidade de modificação tanto do evento causado quanto do evento causador, o que atesta que há alguma projeção interveniente (tal como um VP ou um v*P fásico) entre o núcleo causativo e a raiz, capaz de hospedar o advérbio.

Para distinguir, então, se o complemento é um VP sem argumento externo ou um v*P fásico, é necessário que realizemos os testes com advérbios orientados para agente. Dessa maneira, conseguiremos atestar se há na estrutura mais de uma projeção que possui um argumento externo capaz de ser modificado por um advérbio orientado para agente (uma fase) ou não. Fizemos, então, o teste com *hi mavomu* ‘de propósito’, conforme os dados a seguir, em (118)-(122):

(118)	n'wana	a-pandr-is-i	wanuna
	filho	3SG-rachar-CAUS-PAST	homem

Ø-vhazu	hi mavomu.
5-vaso	de propósito.

‘O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso’.

‘O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso’.

- (119) n'wana a-pandr-is-i wanuna
 filho 3SG-rachar-CAUS-PAST homem

hi mavomu Ø-vhazu.

de propósito 5-vaso.

'O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso'.

'O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso'.

- (120) n'wana a-pandr-is-i **hi mavomu**
 filho 3SG-rachar-CAUS-PAST de propósito

wanuna Ø-vhazu.

homem 5-vaso.

'O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso'.

*'O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso'.

- (121) n'wana **hi mavomu** a-pandr-is-i
 filho **de propósito** 3SG-rachar-CAUS-PAST

wanuna Ø-vhazu.

homem 5-vaso.

'O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso'.

*'O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso'.

- (122) **hi mavomu** n'wana a-pandr-is-i.
de propósito filho 3SG-rachar-CAUS-PAST

wanuna Ø-vhazu.

homem 5-vaso.

'O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso'.

*'O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso'.

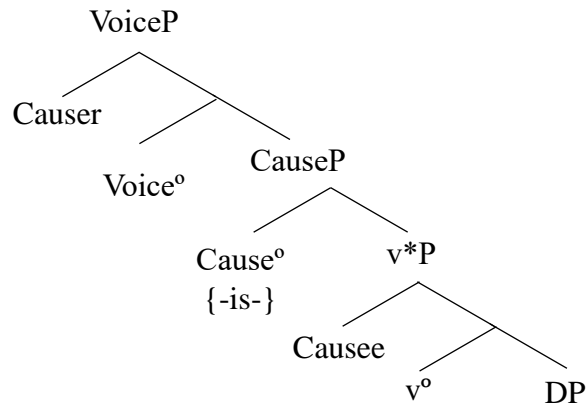
Constatamos que, assim como nos exemplos com o advérbio de modo, também o advérbio orientado para agente *hi kunana* 'de propósito' pode ocupar cinco posições diferentes, a saber: ao final da sentença (118), entre o causee e o argumento interno (119), imediatamente após o verbo (120), entre o causer e o

verbo (121) e antes do causer (122). Aqui, diferentemente com o que ocorre com verbos intransitivos (inacusativos e inergativos), essas posições interferem diretamente no escopo do advérbio.

Nas sentenças (118) e (119), ambas as leituras são possíveis: a leitura em que o escopo do advérbio recai sobre o argumento mais alto *n'wana* 'filho' e a leitura em que o advérbio tem escopo sobre o causee *wanuna* 'homem'.²⁵ Esse teste indica que há, na sentença, dois argumentos externos que podem ser modificados por advérbios orientados para agente, ou seja, que estão em posições sintáticas distintas. Acompanhando a proposta de Pylkkänen (2008), assumiremos o complemento do núcleo Cause⁰ de sentenças com verbos transitivos, que possuem o morfema {-is-}, consiste em um v*P fásico, ou seja, uma estrutura com um argumento externo capaz de ser modificado por um advérbio orientado para agente. Tomando por base essas evidências de natureza empírica, uma hipótese bastante plausível é assumirmos que a estrutura sintática abstrata de sentenças transitivas causativizadas com o morfema {-is-}, em rhonga, dever ter a representação arbórea delineada em (123) a seguir:

²⁵ Em um primeiro momento, os informantes identificaram todas as sentenças acima contendo o mesmo significado, ou seja, que o advérbio *hi mavomu* 'de propósito' recaíam sobre *n'wana* 'filho'. Quando lhes foi apresentado um contexto de que o filho poderia ter manipulado o pai, de forma que o convencesse a quebrar o vaso, então as sentenças em (118) e (119) foram indicadas e aceitas com a interpretação do advérbio recaindo sobre *wanuna* 'homem'.

(123)



5.6 Resumo do capítulo

No Capítulo 5, aplicamos os testes propostos por Pylkkänen (2008) aos dados do Xirhonga, com base em questionários respondidos pelos informantes moçambicanos. Como resultados, atestamos que a estrutura sintática das construções causativas na língua Rhonga pode ser de três tipos, a saber: analíticas, quando realizadas por meio de sentenças complexas, compostas por dois verbos; lexicais, quando realizadas por meio de lexemas que já possuem a interpretação causativa; e morfológicas, quando há a concatenação da extensão verbal causativa {-is-} aos verbos. A função do morfema causativo {-is-} é garantir a leitura causativa à sentença, adicionando a ela um elemento causador.

Postulamos que a estrutura de uma sentença causativa morfológica com a extensão verbal {-is-} se realiza por meio de uma projeção CauseP. Essa projeção é responsável pela leitura causativa do evento. A partir desse núcleo, uma

projeção VoiceP é introduzida, na qual um elemento causador com função de agente se atacha.

Aplicamos os testes propostos por Pylkkänen (2008) nas sentenças em que atestamos o morfema {-is-}, e percebemos que o complemento do núcleo Cause está diretamente relacionado com o tipo de verbo causativizado. Concluimos que verbos inacusativos, quando causativizados, selecionam como complemento de Cause uma raiz; já verbos inergativos causativizados selecionam um VP; e verbos transitivos quando causativizados selecionam um vP fásico.

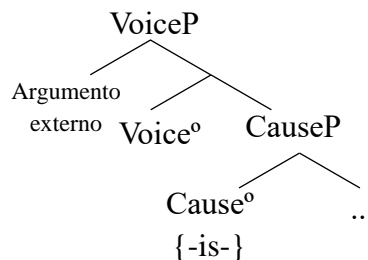
No capítulo seguinte, apresentaremos as nossas considerações finais a respeito da pesquisa realizada nesta dissertação.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos por objetivo principal, nesta dissertação, apresentar o estatuto gramatical das sentenças causativas na língua Xirhonga. Mais especificamente, buscamos descrever a estrutura sintática das construções causativas na língua Rhonga. Atestamos três tipos de estruturas causativas em Xirhonga, a saber: analíticas, que se realizam por dois predicados distintos; lexicais, que se realizam por meio de um único lexema; e morfológicas, que se realizam por meio da extensão verbal causativa, marcada pelo morfema {-is-}.

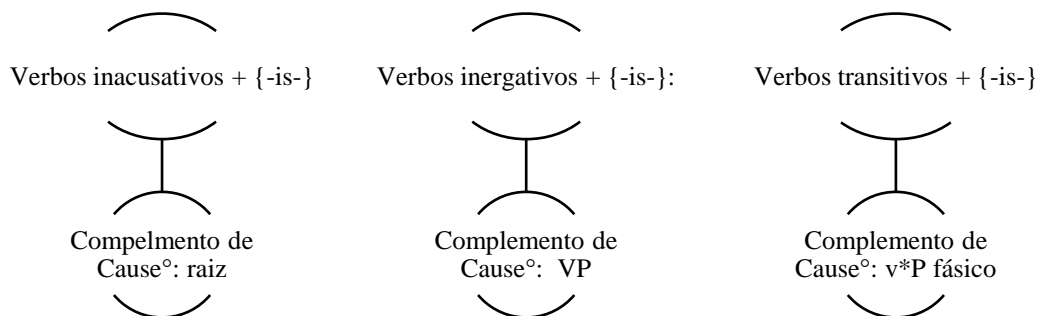
Essa extensão verbal é capaz de introduzir a ideia de causação a verbos que não possuem a leitura inerentemente causativa, possibilitando a introdução de um elemento causador à sentença. Ela pode, ainda, concatenar-se a verbos inerentemente causativos e, nesses casos, introduzem um outro elemento causador. Assim, pudemos atestar que há a motivação da presença da projeção CauseP, que se realiza por meio deste morfema, conforme a representação subjacente em (124):

(124)



Finalmente, procuramos averiguar, com base na literatura disponível, qual é o estatuto do complemento de CauseP. Para tanto, aplicamos os testes de advérbios de acordo com Pylkkänen (2008) e chegamos à constatação de que, em Xirhonga, a seleção do núcleo Cause será condicionada pelo tipo de verbo que está sendo causativizado. Assim, verbos inacusativos causativizados selecionam como complemento um \sqrt{P} , verbos inergativos causativizados selecionam como complemento um VP e verbos transitivos quando causativizados seleciona, como complemento um v^*P fásico. Essas constatações foram esquematizadas na Figura 10, a seguir:

Figura 10. Complemento de CauseP em Xirhonga



Acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para a descrição, talvez inédita, de um fenômeno bastante produtivo da língua moçambicana Xirhonga.

Esperamos que este material valha para futuras pesquisas que busquem continuar a análise do tema, que muito pode ser explorado. Descrições desse tipo podem contribuir para que línguas de pouco prestígio se fortaleçam, somando forças às políticas de ensino bilíngue, com vistas à valorização dos povos, culturas e línguas.

REFERÊNCIAS

- AJAYI, J. F. Ade (ed.). **História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília, UNESCO, 2010. 1032p.
- BACHETTI, Cláudio. **Gramática da Língua Ronga**. Maputo: Paulinas Editorial, 2006.
- BLANCO, Mercedes T. **Causatives in Minimalism**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. 315p.
- BOAHEN, Albert Adu (ed.). **História Geral da África, VII: África sob dominação colônia, 1880-1935**. 2. ed. rev. Brasília, UNESCO, 2010. 1040p.
- BOSTOEN, Koen; MUNDEKE, León. The causative/applicative syncretism in Mbuun (Bantu B87, DRC): Semantic split or phonemic merger? **Journal of African Languages and Linguistics**, v. 32, n. 2, p. 29, 2011.
- BRUNO, Yara Rosa da Silva. **As causativas sintéticas no Português do Brasil: novas evidências a favor da estrutura bipartida do VP**. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, R. C. ; DIMANDE, E. M. **Verbos de controle e de alçamento na língua Rhonga (Tswa-Ronga, Bantu): ambiente sintático para o fenômeno da reestruturação**. CES REVISTA (ONLINE), v. 33, p. 118-147, 2019.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CASTRO, Ricardo Campos de; ANTUNES, Natália Alves; VALIAS, Tânia Diniz Ottoni. Emprego dos Diminutivos em Xirongha (Bantu, Tsonga). **CES REVISTA**, Juiz de Fora, v.1 n. 1, jan./jul. 2017. ISSN 1983-1625.
- CHEBANNE, Andy M. Intersuffixing in Setswana: the case of the perfective –ile, the applicative –ela, and the causative –isa, Pula: **Botswana Journal of African Studies**, v. 10 n.2, p. 83-94. 1996.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge (MA): MIT Press, 1965.

_____. **Lectures in Government and Binding. Studies in generative grammar 9**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____. **Derivation by phase**. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). Ken Hale: a life in language. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

_____. Three factors in language design. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 1, 2005, p. 1-22.

COMRIE, Bernard. **Language universals and linguistic typology: Syntax and morphology**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010. 275p.

DA CÂMARA, C. **As Implicações Sintáticas da Co-ocorrência das extensões Causativa e Aplicativa em Cinyungwe à luz do Princípio de Espelho**. In: NGUNGA, A. (ed.). *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM, 2014.

DINGEMANSE, Mark. **African language families**. Wikipédia, 2004.
Disponível em:
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_language_families_pt.svg>.
Acesso em 31 ago. 2019.

DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (eds.) 2013. **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info>, Accessed on 2019-09-01.)

DUARTE, Fábio B. Marcação diferencial do objeto em Bantu e em Tupí-Guaraní. **Revista Língua Viva**, Guajará-Mirim/RO, Vol. 4, N. 1, p. 1-21, jan./jul.2014

DUARTE, Fábio Bonfim; DA CÂMARA, Crisofia. Langa; VALIAS, Tânia Diniz Ottoni. Análise das estruturas causativas bieventivas em Nyungwe. **PAPIA**, São Paulo, n. 27, v. 1, p. 135-163, Jan/Jun 2017.

EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNING, Charles D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**. 22. ed. Dallas: SIL International, 2015. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com>>. Acesso em: 31 out. 2019.

GIVÓN, Talmy. **Some Constraints on Bantu Causativization**. In: SHIBATANI, Masayoshi (Ed.) *Syntax and Semantics: Grammar of Causative Constructions*. New York: Academic Press, 1976. p. 325-351.

_____. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOOD, Jeff. **Reconstructing morpheme order in Bantu: The case of causativization and applicativization**. *Diachronica*, 2005. 64 p.

GREENBERG, J. H. **Universal of Language**. 2. ed. Massachusetts: MIT Press, 1963 [1966].

GUTHRIE, Malcolm. *Classification of the Bantu Languages*. London: Pall Mall, 1967.

_____. **Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International, 1967/71.

_____. **The Status of Radical Extension in Bantu Language**. In: *Collected papers on Bantu Linguistics*: 91-110. London: Gregg International, 1970.

HAIMAN, John. **Iconic and Economic Motivation**. *Language* 59: 781-819. 1983.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. **On argument structure and the lexical expression of syntactic relations**. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (Org.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993.

HARLEY, Heidi. **On the causative construction**. In: MIYAGAWA, Shigeru; MAMURO, Saito (Ed.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 20-53.

HEINE, B.; VOSSEN, R.; LAMBERT, M.; REH, M. **A Typology of African Languages**. In Recent German Research on Africa: Language and Culture: Deutsche Forschungsgemeinschaft, Bonn, 1982.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J. e GROHMANN, K. K. **Understanding Minimalism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HYMAN L. M. **Suffix ordering in Bantu: a morphocentric approach**. In: BOOIJ G., VAN MARLE J. (eds). Yearbook of Morphology 2002. Yearbook of Morphology. Springer, Dordrecht, 2003. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F0-306-48223-1_8#citeas>. Acesso em: 22 jul. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Dados Definitivos do IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017**. Línguas. INE: Maputo, 2017. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/08-lingua>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

JACKENDOFF, Ray. **X-bar-Syntax: A Study of Phrase Structure**. Linguistic Inquiry Monograph 2. Cambridge, MA: MIT Press, 1977.

KRATZER, Angelika. **Severing the External Argument from its Verb**. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (Ed.). Phrase Structure and the Lexicon. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

LALIAFRO. **Laboratório de Línguas Africanas**. Belo Horizonte: UFMG, 2015. (site). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/laliafro/linguas_africanas.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.

LANGA, David A. S. **Reduplicação Verbal em Xichangana**. In. Ngunga et al. 2002. (eds). Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Situação Actual e Perspectivas. Maputo: Imprensa Universitária. PP 33-48, 2002.

_____. **Ideofone em Changana**. In. Ngunga, Armindo & Pereira, Inocência. (eds). 2003. Progressos na Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Actas de Seminário de Investigação. Maputo: Imprensa Universitária. PP 59-77, 2003.

_____. **Estratégias de Concordância com Sintagmas Nominais Complexos em Changana.** In: Ngunga, Armindo. (ed.). *Lexicografia e descrição de Línguas Bantu.* Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - Universidade Eduardo Mondlane (UEM), 2009.

_____. **Morfofonologia do verbo em Changana.** Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

LARSON, Richard K. **On the Double Object Construction.** *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 335-391. 1988.

LEGATE, Julie Anne. **Voice and v: lessons from Acehnese.** Massachusetts/London: The MIT Press, 2014.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, C. **História Geral da África, VIII: África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010. 1272p.

MAHO, Jouni. **A classification of the Bantu languages: an update of Guthrie's referential system.** In: NURSE, D.; PHILIPPSON, Gérard. (eds.). *The Bantu Languages.* London: Curzon Press, 2003.

MOISÉS, Lailinda; CANDE, Elsa; JESUS, Jorgete de. **Geografia Linguística de Moçambique.** In: NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário.* Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEM, 2012.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu.** 2.ed. Maputo: Imprensa universitária, 2014. 291p.

_____. **O Uso das Línguas Moçambicanas no Ensino.** In: WANDERLEY, C.; PEREIRA, N. (Orgs.). *Línguas Minoritárias e Circulação de Conhecimento.* Campinas: UNICAMP, 2017.

NGUNGA, Armindo; BAVO, Názia N. **Políticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos.** Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEM, 2011

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário.** Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEM, 2012.

NGUNGA, Armindo; SIMBINE, Madalena C. **Gramática descritiva da língua Changana**. As nossas línguas V. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA), 2012.

NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal. Um estudo preliminar sobre alguns aspectos da morfologia dos ideofones do changana. **Revista Linguagem**, vol. 24, n. 1, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

NHANTUMBO, Nelsa J. **Morfologia das marcas de presente e futuro em Copi**. Maputo: UEM, 2014.

_____. Nelsa J. **O tempo verbal na língua Copi: a morfonologia do passado recente perfectivo**. Maputo: UEM, 2005.

OGOT, Bethwell Allan (ed.). **História Geral da África**, V: África do século XVI ao XVIII. Brasília: UNESCO, 2010. 1208p.

OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. **Sintaxe, Sintaxes: Uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.

PRAH, Kwesi Kwaa. **A Política de empoderamento linguístico em África: Uma visão do CASASA**. Cidade do Cabo: 2008 In: NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEM, 2012.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RAZAGHI, Maryam; RAHAVARD, Shahin; SADIGHI, Firooz. Economy, Simplicity and Uniformity in Minimalist Syntax. **Internacional Journal on Studies in English Language and Literature**, v. 3, n. 1, jan. 2015.

SAKSENA, Anuradha. The affected Agent. *Language*, v. 56, n. 4, dez, 1980, p. 812-826. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/413490?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 15. Out. 2018.

SCHADEBERG, Thilo. **Derivation**. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, E. (eds.). *The Bantu languages*. v 4. London & New York: Routledge. 2003. p. 71-89.

SEARA, Izabel C.; NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFCS, 2011. 119p.

SITOE, Bento; DIMANDE, Ernesto Mario. **Haverá artigo definido em Ronga?** *Caletroscópio*, v. 5, n. 8, jan-jun. 2017. Disponível em: <<https://www.caletroscopio.ufop.br/index.php/caletroscopio/article/view/239>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

SONG, Jae Jung. **Periphrastic Causative Constructions**. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/110>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. **Population Division (2017). Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2017 Revision**. Population Division, DESA. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wpp/>>. Consultado em: 03 abr. 2018.

VELUPILLAI, Viveka. **An Introduction to Linguistic Typology**. Amsterdam/Philadelphia: University of Giessen, 2012.

WHALEY, Lindsay J. **Introduction to Typology**. The unity and diversity of language. SAGE Publications, 1997.

WIERZBICKA, Anna. **Lingua mentalis**. New York: Academic Press, 1980.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS INFORMANTES

A seguir, algumas imagens serão apresentadas. Diferentes contextos serão descritos com base nelas. Imagine os contextos e, a partir deles, traduza as frases para a sua língua.

Se alguma tradução ficar estranha, ou seja, poucas pessoas falaria dessa forma, sinalize com um sinal de interrogação (?).

Se alguma tradução não for possível, sinalize com um (*).

IMAGEM A:



Contexto 1: O homem ficou com vontade de quebrar o vaso. Por este motivo, ele pegou o martelo e quebrou o vaso. Com base nestes fatos, traduza as frases abaixo:

- (1) O vaso quebrou.'
- (2) O homem quebrou o vaso.
- (3) O homem fez o vaso se quebrar.
- (4) O homem quebrou o vaso de propósito.'
- (5) O homem quebrou o vaso com o martelo.
- (6) O martelo quebrou o vaso.
- (7) O martelo quebrou o vaso de propósito.

Contexto 2: Imagine agora que o homem ficou com vontade de derrubar o peixe no chão. Por este motivo, ele quebrou o vaso utilizando um martelo. Traduza as frases:

- (8) O peixe caiu.
- (9) O homem derrubou o peixe.
- (10) O homem fez o peixe cair.
- (11) O homem derrubou o peixe de propósito.

Contexto 3: Imagine agora que o vaso pertence à esposa do homem. Ela ficou muito triste ao ver o vaso quebrado. Traduza as frases:

- (12) O homem quebrou o vaso da esposa.
- (13) O homem quebrou o vaso em detrimento da esposa.

Contexto 4: Imagine que o homem tem um filho. O filho queria que o homem quebrasse o vaso e pediu para que ele o quebrasse. O homem então quebrou o vaso.

- (14) O filho fez o homem quebrar o vaso.
- (15) O filho pediu que o homem quebrasse o vaso.
- (16) O filho causou o homem quebrar o vaso.
- (17) O filho obrigou o homem a quebrar o vaso.
- (18) O homem quebrou o vaso em benefício do filho.
- (19) O homem quebrou o vaso por causa do filho.
- (20) O filho quebrou o vaso por meio do homem.

IMAGEM B

A personagem deitada se chama Joana.

A personagem ao lado da cama se chama Maria.



Contexto 1: Imagine que Joana pediu que Maria a acordasse para que ela não se atrasasse. Maria então acordou Joana e Joana acordou prontamente. Como se diz:

- (1) Maria acordou Joana.
- (2) Maria fez com que Joana acordasse.
- (3) Joana fez com que Maria a acordasse.

Contexto 2: Imagine que a mãe de Maria ficaria muito satisfeita se a Joana fosse acordada pela Maria. Maria então acordou a Joana e Joana se levantou, conforme a ilustração abaixo indica.



Como se diz:

- (4) Maria acordou Joana em benefício de sua mãe.

Contexto 3: Imagine que Joana pediu que Maria a acordasse para que ela não se atrasasse. Maria então tentou acordar Joana, mas Joana não acordou.

- (5) Maria acordou Joana, mas Joana não acordou.

Contexto 4: Imagine que Joana pediu que Maria a acordasse para que ela não se atrasasse. Maria então acordou Joana e Joana acordou aos poucos, lentamente.

- (6) Maria acordou Joana lentamente.

Contexto 5: Imagine que Joana pediu que Maria a acordasse para que ela não se atrasasse. Maria então, lentamente, acordou Joana, e Joana acordou prontamente.

→ Maria acordou Joana lentamente. [Significando que Maria fez a ação lentamente]

Contexto 6: Imagine que Joana intencionalmente pediu que Maria a acordasse para que ela não se atrasasse. Maria então acordou Joana e Joana acordou.

- (7) Maria acordou Joana intencionalmente [em que a ação de Joana foi intencional, de propósito].

Contexto 7: Imagine que Maria quis acordar Joana. Maria então acordou Joana intencionalmente e Joana acordou sem querer.

(8) Maria intencionalmente acordou Joana (em que a ação de Maria foi intencional, de propósito).

Contexto 7: Imagine que Maria quis acordar Joana. Maria então faz a ação intencionalmente, já Joana acorda lentamente.

(9) Maria intencionalmente acordou Joana lentamente.

→ Em que a Maria faz a ação de propósito, e a Joana acorda lentamente.

IMAGEM C

Contexto: João trabalha para Maria. Maria é a chefe da empresa. Maria pediu que João trabalhasse mais. Caso João não trabalhe mais, Maria o despedirá da empresa.



- (1) João trabalha.
- (2) João trabalha para Maria.
- (3) João trabalha na empresa de Maria.
- (4) Maria é a chefe. Maria i hosi.

Contexto 2: Imagine agora que Maria tem a intenção de fazer com que o João trabalhe. Como se diz:

- (5) Maria fez João trabalhar intencionalmente.
→ Em que a Maria tem a intenção.

Contexto 3: Imagine que Maria faz o João trabalhar e ele tem a vontade e a intenção de trabalhar. Como se diz:

- (6) Maria fez João trabalhar intencionalmente.
→ João trabalha intencionalmente

Contexto 2: Imagine agora que Maria tem a intenção de fazer com que o João trabalhe, e João trabalha lentamente. Como se diz:

(7) Maria intencionalmente fez João trabalhar lentamente.

Contexto 4: Imagine agora que a Maria, aos poucos, convence ao João a querer trabalhar. O João então trabalha intencionalmente. Como se diz:

(8) Maria lentamente faz o João trabalhar intencionalmente.

Observe as imagens abaixo e **destaque** a resposta correta nas seguintes questões:



O Davi foi acordar seu filho para que ele fosse à escola. Assinale qual das sentenças abaixo é melhor empregada em Xirhonga para expressar esse contexto:

- (1) Davi apfuxile n'wana.
- (2) Davi apfuxisile n'wana.
- (3) As duas podem ser usadas nesse contexto.
- (4) Nenhuma delas pode ser usada nesse contexto.



Agora imagine que o Davi lavava vasilhas na cozinha. Seu filho estava a dormir. Acidentalmente, Davi deixa várias vasilhas caírem no chão. O barulho da queda faz com que seu filho acorde. Qual das sentenças abaixo é melhor empregada em Xirhonga para expressar esse contexto:

- (1) Davi apfuxile n'wana.
- (2) Davi apfuxisile n'wana.
- (3) As duas podem ser usadas nesse contexto.
- (4) Nenhuma delas pode ser usada nesse contexto.





O Davi deve acordar seu filho para que ele vá à escola. Então, lentamente, Davi se colocou a acordar seu filho. Assinale qual das sentenças abaixo é melhor empregada em Xirhonga para expressar esse contexto:

- (1) Davi apfuxile n'wana hi kunana
- (2) Davi apfuxisile n'wana hi kunana
- (3) Davi hi kunana apfuxile n'wana
- (4) Davi hi kunana apfuxisile n'wana
- (5) As quatro podem ser usadas nesse contexto.
- (6) Nenhuma delas pode ser usada nesse contexto.



Maria está tendo problemas com o seu telefone e, em um momento de raiva, ela resolve arremessar o aparelho no chão, que se quebra. Como se diz em Xirhonga da melhor maneira:

- (1) É melhor: Maria apandriile telefone
- (2) É melhor: Maria apandrisile telefone
- (3) As duas podem ser usadas nesse contexto
- (4) Nenhuma delas pode ser usada nesse contexto.

Agora, entre as sentenças abaixo, qual é melhor:

- (5) Maria apandriile telefone hi mavomu
- (6) Maria apandrisile telefone hi mavomu
- (7) As duas podem ser usadas
- (8) Nenhuma delas pode ser usada



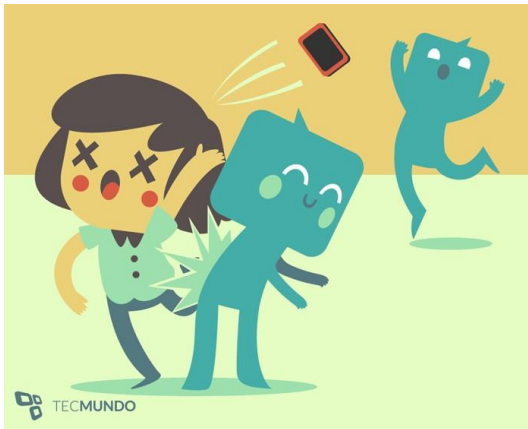
José, por sua vez, sem querer deixou o telefone cair no chão. O telefone, então, se quebrou.

(9) É melhor: 'José apandriile telefone'

(10) É melhor: 'José apandrisile telefone'

(11) As duas podem ser usadas

(12) Nenhuma delas pode ser usada.



Luiz está a andar na rua com seu telefone na mão. Então, Carlos (o boneco azul), esbarra nele. O telefone então escorrega da mão de Luiz, cai no chão e quebra.

Como se diz, em Xirhonga, nesse contexto:

(1) Carlos fez Luiz quebrar o telefone acidentalmente (em que a ação de Carlos foi acidental)

(2) Carlos fez Luiz quebrar o telefone acidentalmente (em que a ação de Luiz foi acidental)